

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

MILENE GARCIA VON GAL

O estudo do cuidado como referência na relação paterna

São Paulo

2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

O estudo do cuidado como referência na relação paterna

Milene Garcia Von Gal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação de Mestrado em Serviço Social do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: Professora Dra. Myrian Veras Baptista

São Paulo

2013

Banca Examinadora

---

---

---

Dedico este trabalho à família que construo aqui e agora.  
Ao meu esposo, Cristiano, que bravamente rompe, todos os dias, com estigmas e paradigmas, que nos cercam, da família tradicional.  
Ao nosso olhar crítico da realidade.  
À minha mestra, professora Dra. Myrian Veras Baptista.

## AGRADECIMENTOS

São muitos os agradecimentos e não há espaço aqui para citar tanta gente amiga que me apoiou ao longo desta jornada acadêmica.

Aos pais entrevistados, pelo carinho, disponibilidade e emoção com que me receberam.

A Myrian Veras Baptista, orientadora desta dissertação, pelo estímulo à discussão sobre o cuidado e por sua dedicação à minha formação como pesquisadora.

Aos professores e grandes mestres, que me acompanharam, no processo de desenvolvimento intelectual, com aulas que contribuíram para o fortalecimento da minha identidade profissional e avanço nos debates teóricos e metodológicos em serviço social e principalmente ao meu tema: Família – Pai – Cuidado.

Aos Serviços de Acolhimento e Proteção Especial à Criança e ao Adolescente (Sapeca) e Serviço de Acolhimento Institucional e em Família Acolhedora (ConViver), em especial à coordenação e à querida amiga de pós-graduação Jane Valente, que auxiliou em meu encontro com os pais cuidadores sujeitos desta pesquisa.

Ao meu irmão José Luiz Garcia Vieira, por apoiar e compartilhar dos sonhos.

A toda minha família de origem e à extensa, que dispensaram cuidados para que minha chegada até aqui fosse possível.

Ao meu esposo, Cristiano Junqueira Matos von Gal, que foi fonte inspiradora com seu amor e carinho demonstrados ao seu pai "papito" e às profundas e filosóficas discussões sobre família, casamento, cuidado e amor.

Aos meus irmãos de mestrado: Karina Vieira e Daniel Péricles.

Aos muitos amigos, verdadeiros companheiros, que sempre me apoiaram com amor, trabalho e reflexões, colaborando diretamente neste projeto de quatro anos.

Em especial, a Renata Fonseca Lopes Rodrigues, Sandra Dias Batochio da Silva, Valéria Pimenta e Claudia Morganti.

Às professoras Maria Lucia Martinelli e Maria Amália Vitale, pelos esclarecimentos, críticas e apoio, no exame de qualificação.

Aos muitos homens que cuidam amorosamente de seus filhos, em especial aos jovens pais, que tenho a oportunidade de acompanhar, são eles: Leandro Martins da Silva,

Marcelo von Gal, Juan Miguel Garcia Parra, Marcelo Bergamaschi, Wagner Barbosa Júnior, Marco Aurélio Papa, Valdenir Baldin e Alexandre Fortes.

À minha filha, Leilah, que, no momento mais difícil da elaboração e conclusão desta dissertação, apareceu de forma surpreendente, como nova fonte de inspiração para a escrita. Obrigada!

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse  
Que me olha e é tão mais velho do que eu?  
Porém, seu rosto...é cada vez menos estranho...  
Meu Deus, Meu Deus...Parece  
Meu velho pai - que já morreu!  
Como pude ficar assim?  
Nosso olhar - duro - interroga:  
"O que fizestes de mim?!"  
Eu, Pai?!Tu é que me invadistes,  
Lentamente, ruga a ruga...Que importa? Eu sou, ainda,  
Aquele mesmo menino teimoso de sempre  
E os teus planos enfim lá se foram por terra.  
Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra!-  
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

(Mário Quintana)

## RESUMO

VON GAL, M. **O estudo do cuidado como referência na relação paterna.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social)- Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

A presente Dissertação de Mestrado analisa como os pais cuidadores, voluntários participantes de serviços de acolhimento em famílias acolhedoras, e pais de origem que tiveram seus filhos inseridos em serviço de acolhimento institucional e em famílias acolhedoras do Serviço de Acolhimento e Proteção Especial à Criança e ao Adolescente (Sapeca) e Serviço de Acolhimento Institucional e em Família Acolhedora (ConViver), do Município de Campinas (SP), constroem e vivenciam o cuidado paterno com seus filhos e/ou com crianças que acolheram, procurando desvelar os significados desse exercício. As referências conceituais da pesquisa foram: A Família Contemporânea – Modo de Ser Tradicional, em Transição e Contemporânea; O Cuidado, O Cuidado Paterno e o Acolhimento Institucional – em Instituições e em Famílias Acolhedoras. Trata-se de pesquisa exploratória, qualitativa, cuja abordagem ocorreu com base em estudos de caso. Os procedimentos de pesquisa foram estruturados a partir de levantamentos bibliográfico e documental, complementados com pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas. Os sujeitos da pesquisa englobam quatro homens, pais e cuidadores, participantes do Serviço de Proteção Social de Alta Complexidade. Os resultados da análise do conteúdo dessas entrevistas evidenciaram que homens e mulheres podem ser cuidadores; que o cuidado se constitui em potencialidade humana, que se manifesta e se desenvolve de acordo com as circunstâncias. Os pais cuidadores revelaram diferentes estilos pessoais de cuidados. Relataram sentir orgulho e alegria no cuidado com os filhos, apesar das representações tradicionais de gênero, de suas diferentes vivências de cuidado na infância, das diferentes classes sociais que representam. Apresentaram-se aptos a assumir os cuidados com seus filhos. Os resultados também indicam que a capacidade de cuidar de um(a) filho(a), pode ser estimulada mesmo após um rompimento breve, em razão de medida protetiva e da qualidade dos cuidados recebidos na infância. E evidenciam que cuidar é uma ação construída cotidianamente e não uma tarefa definida a partir do gênero de quem a realiza.

**Palavras-chave:** Cuidados, Pai, Paternidade, Família.

## ABSTRACT

VON GAL, M. The study of care as reference in paternal relationship. Dissertation (Masters in Social Work) Program - Postgraduate Studies in Social Work, PUC of São Paulo, São Paulo, 2013.

This Master's Thesis examines how parents care givers, volunteers participating in child care services in foster carers, and parents of children who had their origin child entered in institutional service of care and foster carers services on the Hospitality Service Special Protection of Children and Adolescents (Sapeca) and Institutional Services Home and Foster Family coexistence, in Campinas (SP), has build the father caring experience to their children and / or children who their welcomed, seeking to understand the meaning of this exercise. The conceptual references of the research were: The Contemporary Family - How to Be Traditional, Transitional and Contemporary; the Care, the father care and the Institutional welcoming- in institutions and Welcoming Families. Its related to the a exploratory research, qualitative, where the approach was based on case studies. The research procedures were structured from bibliographical and documentary surveys, supplemented by field research. Data collection was carried out from semi-structured interviews. Research people include four men, parents and care givers, all participants of the Social Protection Service of High Complexity. The results of the analysis obtained on these interviews showed that men and women can be care givers; and that care constitutes a human potentiality that manifests and evolves according to the circumstances. Parents care givers revealed different personal styles of care. They reported feeling pride and joy in caring for children, despite the traditional representations of gender, their different experiences of care in childhood, also from different social classes they represent. They showed up ready to take care of their children. The results also indicate that the ability to take care of a child, can be stimulated even after a brief break, due to protective measure and the quality of care received in infancy. And the evidence was that caring is an action built on daily basis, and not a defined task from the gender of the person who performs.

Keywords: Care, Father, Fatherhood, Family.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
PRIMEIRA PARTE - REFERÊNCIAS TEÓRICAS, LEGAIS E POLÍTICAS.....	15
Capítulo I - A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA.....	16
1.1 O Modo de Ser Tradicional.....	17
1.2 O Modo de Ser da Transição.....	20
1.3 O Modo de Ser Contemporâneo.....	22
Capítulo II - O CUIDADO.....	27
2.1 As Bases Filosóficas do Cuidado.....	27
Capítulo III - O CUIDADO PATERNO.....	32
3.1 O Cuidado Paterno em Terras Brasileiras.....	35
Capítulo IV - O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL – EM INSTITUIÇÕES E EM FAMÍLIAS ACOLHEDORAS.....	40
4.1 Breve Contextualização Histórica do Acolhimento Institucional no País.....	4.2
O Acolhimento Institucional e o Acolhimento em Famílias Acolhedoras– Marcos Legais e Políticos.....	45
SEGUNDA PARTE - A PESQUISA: AS DIFERENTES PERSPECTIVAS DE CUIDADOS PATERNOS EM SITUAÇÕES DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM PROGRAMAS DE ACOLHIMENTO.....	52
Capítulo V–A PESQUISA: OS PROCEDIMENTOS DE COLETA E DE ANÁLISE.OS SUJEITOS E O ESPAÇO DA PESQUISA.....	53
5.1 A Coleta das Informações e sua Organização.....	54

Capítulo VI - O ESPAÇO NO QUAL A PESQUISA FOI REALIZADA.....	56
Capítulo VII - OS DEPOIMENTOS E SUA ANÁLISE.....	59
7.1 As Diferentes Apreensões do Significado de Cuidado.....	59
7.2 As Diferentes Apreensões do Significado de Cuidado Paterno.....	63
7.3 História Familiar, Cuidado Vivenciado e a Falta de Cuidado Sentida.....	68
7.4 Lembranças Importantes do Cuidado Paterno.....	76
7.5 Cuidando de seus Filhos na Sua Vez de Cuidar.....	81
7.6 Lembranças de Cuidados com os Filhos.....	86
7.7 O Cuidado da Criança e do Adolescente em Sistema de Acolhimento Institucional em Sua Família.....	91
7.8 Questões Não Presentes na Entrevista, Lembradas pelos Pais.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS .....	102
ANEXO.....	104

## INTRODUÇÃO

Ao chegar ao Município de Santos para trabalhar como assistente social da Proteção Social Especial(PSE), já havia atuado como gestora municipal da assistência social de um município de pequeno porte e, também, como coordenadora de um Centro de Referência de Assistência Social (Cras), ou seja, na Proteção Social Básica(PSB) de outro município de pequeno porte.

Contudo, trabalhar em Santos como assistente social foi um momento privilegiado em minha jovem carreira, pois a relação direta com as famílias que passavam por situação de risco, ou até mesmo de violação de direitos, em que passavam os fenômenos das violências física, psicológica e sexual, trouxe ampliação significativa para minha concepção de família.

Ao me aproximar do atendimento e acompanhamento de famílias vítimas de violência, em especial uma família composta de pai, mãe, avó paterna e oito filhos, que percorria o País por vários estados, marcada por histórias de atendimentos em conselhos tutelares e varas da infância e do adolescente – foi possível observar que o histórico de violências física, psicológica e de abuso sexual sofridos por várias gerações era visto, por esse núcleo familiar, como algo natural. Recordo-me de uma frase reproduzida por mim a esta família: “Nunca digam: Isto é natural!”.

Por outras vezes, recorri a esta frase no trabalho com famílias no espaço denominado Centro de Referência de Assistência Social(Creas). Foi possível observar que muitos profissionais da equipe se capacitavam, na maioria das vezes, com recursos próprios na intenção de melhorar o atendimento às famílias. Por se tratar de um Centro de Referência Especializado, era comum ouvir, nas supervisões, desabaços de profissionais, que diziam: “Não dá para ficar só com a supervisão, temos que estudar, que ir além”.

O encontro com a temática “família” e, no contexto familiar, com a “figura paterna”, surgiu de uma dificuldade vivenciada no cotidiano da prática profissional, ocorrida no Município de Santos, no período de 2008 a 2009. Na época, foi possível

observar que um número significativo de pais eram os agressores. Diante dessa realidade, pesquisa realizada nos prontuários das famílias atendidas e acompanhadas, para espanto da pesquisadora, identificou-se que, em 70% delas, o pai era o violador de direitos – o agressor. Tal informação foi decisiva para que a pesquisa que apoia esta dissertação acontecesse.

Observou-se também que, dentro das políticas públicas, não havia fortalecimento da participação paterna nos trabalhos e programas de atendimento à família. Algumas das respostas às indagações a respeito foram: “É porque o pai é ausente”; ou, “É porque ele trabalha e não tem tempo disponível”; ou, ainda, “É porque ele não tem desejo de participar”.

Concomitantemente a essas observações e à pesquisa inicial realizada nos prontuários, a “essência” da questão já emergente despertou alguns questionamentos: Qual o significado que o homem atual atribui ao exercício da paternidade? O que é cuidado? O que é o cuidado paterno? Quais as diferentes perspectivas sobre os cuidados paternos expressadas por pais (de origem ou acolhedor) de crianças e adolescentes em situação de acolhimento familiar?

Diante dessas expressões da questão e das indagações que partiram da realidade cotidiana, buscou-se uma compreensão maior da problemática. Para tanto, fez-se necessário aprofundar o conhecimento acerca da produção existente. Os poucos registros encontrados foram também motivadores desta pesquisa, objetivando ampliar o conhecimento a respeito da questão.

A pergunta norteadora, ou seja, interessava saber, por um lado, qual a expectativa da sociedade contemporânea em relação às responsabilidades de cuidados atribuídas aos pais; e, por outro lado, na situação particular da medida protetiva de acolhimento familiar, como os pais - tanto aqueles que eram das famílias de origem, quanto os que eram das famílias acolhedoras - se colocam em relação ao cuidado de crianças e adolescentes sob sua responsabilidade.

O tema pesquisado é complexo: tem como ponto de partida um problema observado no decorrer do exercício profissional da pesquisadora relacionado à paternidade em famílias usuárias dos serviços sociais. O universo em que o problema se apresentou fortemente está relacionado diretamente com o espaço de atuação do serviço

social, visto que a maioria das famílias observadas naquela pesquisa anterior encontrava-se em situação de vulnerabilidade social.

Portanto, para estudar o cuidado tendo como referência a relação paterna, é preciso dar visibilidade para o pai contemporâneo, focando as transformações históricas das expectativas de cuidados, e também de relações afetivas entre pai e filhos.

A dissertação resultante desse estudo está organizada em duas partes.

A primeira parte – que aborda os referenciais teóricos, legais e políticos – está subdividida em quatro capítulos. No Capítulo I – A família contemporânea, a proposta é contextualizar a família no momento atual, salientando suas transformações e seus avanços significativos. Nos Capítulos II e III, abordam-se o cuidado e o cuidado paterno.

O Capítulo IV, que trata do acolhimento em instituições e em famílias acolhedoras, inicia-se com breve histórico do acolhimento institucional no Brasil, no qual se incluem aspectos relativos a Programas de Famílias Acolhedoras.

A segunda parte – A pesquisa: as diferentes perspectivas de cuidados paternos em situações de institucionalização de crianças/adolescentes em programas de acolhimento, está subdividida em três capítulos. O Capítulo V trata dos procedimentos da pesquisa, indicando como ocorreu a coleta de dados e qual é a metodologia aplicada para a pesquisa e análise. No Capítulo VI, está descrito o espaço no qual a pesquisa foi realizada, apresentando o Serviço de Acolhimento e Proteção Especial à Criança e ao Adolescente (Sapeca) e o ConViver, serviços de acolhimento institucional e em famílias acolhedoras do Município de Campinas (SP).

No Capítulo VII, são analisados os depoimentos dos pais, com a descrição das informações coletadas nas entrevistas, a partir das suas histórias de vida, trajetórias de cuidado e experiências nas relações paternas. Os procedimentos de análise foram definidos à luz da perspectiva das categorias do cuidado e cuidado paterno, de forma a explicar os fenômenos existentes que emergiram a partir das narrativas dos sujeitos da pesquisa.

As Considerações Finais sinalizam os limites desta pesquisa e fornecem elementos para a discussão acerca do cuidado como referência na relação paterna.

PRIMEIRA PARTE  
REFERÊNCIAS TEÓRICAS, LEGAIS E POLÍTICAS

## **Capítulo I**

### **A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA**

Este trabalho considera, de partida, que a maneira de ser “família” é historicamente determinada. Sua existência é constatada em diferentes grupos, classes sociais, culturas e o seu modo de ser é importante, visto que é constituído por relações que articulam gênero e gerações. Essas relações assumem contornos específicos nos diferentes tempos e lugares.

Medina (1990, p. 13), ao analisar a realidade brasileira, identifica dois modos de estruturação da família. Classifica-os de Tradicional – aquele que tem raízes no passado distante e ainda mantém presentes muitas de suas características – e de Transição – aquele que resulta das transformações ocorridas na sociedade brasileira na sua passagem de sociedade rural para industrial.

A esses modelos, nesta dissertação, é acrescentado um terceiro modo de estruturação de família, resultante, agora, de um momento em que as relações da sociedade brasileira vivenciam a hegemonia de um modo capitalista predominantemente industrial.

No Brasil, a família, se não é mais importante de suas instituições, é a que se manteve como valor. De alguma forma, todos têm família, mesmo que seus modelos sejam ou não aceitos, em alguns momentos, pela sociedade. Esses modelos vêm sendo determinados historicamente em função das relações sociais dominantes. No Brasil, é no processo de transformação de País predominantemente agrário para um modelo de predominância industrial que emergem as determinações modificadoras do modo de ser família, conformando sua estruturação tal qual a vemos hoje.

Considerando o processo histórico e, em seu contexto, as determinações de classe, tem-se, de partida, a clareza de que em todos os momentos dessa história “ser família” não é único, mas se organiza de diferentes modos, de acordo com o contexto construído socialmente daquela determinada classe social.

No entanto, conforme analisa Baptista, apoiando-se em Bettelheim (1995, p.113), não se pode também esquecer que esse processo constitutivo ocorre imbricado em um contexto sócio-histórico, numa estrutura complexa de relações com o dominante – na

nossa sociedade, o modo de relação capitalista – que impregna e modifica as condições de funcionamento e de desenvolvimento de todas as demais.

Isto significa - levando esta reflexão à análise da questão do ser família – que, nos diferentes momentos históricos, ocorre uma diversidade de relações familiares, cuja organização sofre a influência direta das relações hegemônicas dominantes. Como diz Marx (1978, p.121):

... Em todas as formas de sociedade se encontra uma produção determinada, superior a todas as demais, e cuja situação aponta sua posição e influência sobre as outras. É uma luz universal em que se embebem todas as cores, e que as modifica em sua particularidade. É um eter especial, que determina o peso específico de todas as coisas emprestando relevo a seu modo de ser.

### **1.1 O Modo de Ser Tradicional**

No modo de ser tradicional, vivenciado pela classe dominante desde os princípios do século XX até os anos 60, o casamento dava início à constituição do mundo do casal, expressando a aliança entre as duas famílias. A decisão dessa união não era exclusiva do novo casal, mas devia passar por etapas que formalizavam a relação junto às suas famílias de origem: namoro, noivado, casamento e lua de mel. Nessas etapas, a mulher reunia condições para ser esposa e mãe. Devia ser pura –virgem –, a comprovação física de não envolvimento com outro homem.

Nos períodos de namoro e noivado, as funções eram: preparar o enxoval e contatar a rede de parentes para a aceitação do novo membro por parte de cada família. À família da noiva cabia a importante tarefa de entregar a filha em condições adequadas para o exercício das responsabilidades que eram consideradas da mulher – como esposa, para o marido, e como mãe, para os filhos.

A função do homem, por sua vez, era estar pronto para assumir o seu papel reprodutor – não se esperava virgindade e sim experiência sexual – e ser capaz de sustentar a família. Devia se apresentar aos pais da noiva, pedindo-lhes formalmente a mão da filha, comprovando que detinha meios de sustentar a futura família. A comprovação desses

meios dava ao homem a condição de ser “bom partido”.

Neste modo, é possível perceber a diferença de papéis sociais – feminino e masculino. A educação dos filhos era distinta desde o nascimento, de acordo com o sexo. Como exemplo, cultivavam as distinções: menina – rosa, menino – azul; coisa de mulher, coisa de homem; o homem deve ser forte, ativo para o trabalho e para o provimento, a mulher deve ser frágil, passiva, pertencer ao mundo doméstico, criar e proteger os filhos enquanto pequenos – a filha até o casamento e o filho até a adolescência.

A segregação, que permeava esse tipo de relação pela vida toda, definia os papéis sociais e os comportamentos segundo o mundo feminino e o mundo masculino. A mulher permanecia “protegida” no mundo doméstico e devia obediência ao homem – primeiramente ao pai, depois ao marido, responsável pelo provimento da família.

Caso não obtivesse marido, a mulher permanecia como “tia” – solteirona – dentro do mundo doméstico, nacara de sua família de origem ou de alguma irmã casada. Já o homem, desde cedo, deveria se dirigir para fora de casa e, após casado, era fora do lar que ele exerceria sua principal função. Tinha liberdade de ação, mas que só seria reconhecida caso ele cumprisse suas obrigações de sustento da casa e da família. Nesse quadro, o mundo do trabalho – da rua – era o espaço do homem, e o mundo doméstico – da casa – era o espaço da mulher.

A razão de ser da sociedade era sua reprodução mediante a relação permanente desses dois mundos, consolidada por meio do casamento e dos rituais. A expressão pública da família era realizada por rituais e festas – noivados, casamentos, batizados, aniversários, primeira comunhão, crisma e bodas – todos custeados pelo marido, que seria exibido por essas qualidades, comprovando sua capacidade de atender à boa mesa, aos bons modos e ao bem vestir.

A mesma segregação acontecia entre adultos e crianças. Cada um em seu mundo. Os filhos eram parte do mundo doméstico da mãe, que era responsável por seu comportamento. O pai, por sua vez, tinha seu mundo distante, separado dos filhos e sua participação no mundo doméstico era a exigência de respeito – seu desejo, em relação ao comportamento dos filhos, era considerado uma ordem.

Ao chegar do trabalho, por ser o provedor, não seria incomodado, entretanto como autoridade máxima assumia os poderes domésticos

quando assim fosse exigido. A mãe exercia um poder mediador entre o pai e os filhos nesta organização hierárquica e autoritária. Tal papel mediador tem tanta importância porque a dimensão afetiva ficava segregada ao mundo doméstico, o da mulher. Só aí os sentimentos poderiam ser expressos livremente. Por isso mesmo, a mulher adquire o domínio dos mecanismos da emoção, devendo expressar-se como carinhosa, lidando com os afetos com intensidade e eficácia. Diante das “manobras femininas”, o homem cederia com facilidade. Como resistir a tal encantamento? (MEDINA, 1990, p.17).

Do mundo do homem, exigia-se racionalidade e cálculo, enquanto do mundo da mulher sentimento e afeto. Desde criança, o filho aprendia que “homem não chora”, mesmo quando sentisse dor, e a filha podia expressar livremente seus sentimentos, até através de desmaios e nervosismos, sem que causasse surpresa.

Todos esses fatos dificultavam a comunicação do casal, mesmo que esta fosse esperada em seu mínimo para o bom andamento do lar. A dimensão sexual era voltada para a reprodução, sendo um ato de interesse público que demonstrava a virilidade e a potência do homem e, da mulher, a fertilidade e a fecundidade.

Os homens de 30 anos eram considerados na faixa de “casamento ideal”, ou seja, ainda que o casamento nessa idade fosse considerado tardio, o homem já reunia as condições que permitiam perceber se ele seria ou não um bom provedor. Para as mulheres, a juventude biológica era considerada ideal, visto que isso possibilitaria –mesmo que no campo do imaginário – condições de gerar filhos fortes e saudáveis.

Imperava uma cultura que levava a acreditar sero homem biologicamente poligâmico e, desde que seu lar não fosse ofendido, a promiscuidade, para ele, era socialmente permitida. Os problemas do casal ficavam dentro do lar e eram de natureza particular, que interessavam apenas aos familiares. Os membros da família deviam evitar as separações. A mulher devia ser passiva, concordar e aceitar o comportamento do homem naqueles aspectos que a cultura da época considerava “normal”.

(...) Não havia outro lugar para a esposa. Fora do lar, era como se estivesse na rua e esta era o lugar dos homens. Como o casamento era para toda a vida, a mulher era a parte responsável por esta permanência, enquanto o homem cumprisse com a obrigação de sustentá-lo. Caso a mulher, “prevaricasse” ela estaria atentando contra a honra do homem, do lar e da família. (MEDINA, 1990, p.18).

Esse modelo dominante apresentava variedades em suas réplicas nos diferentes grupos sociais – rural/urbano, rico/pobre – mantendo, no entanto, uma referência permanente à cultura hegemonicamente estabelecida.

## **1.2 O Modo de Ser da Transição**

O que claramente fez diferenciar o modo de ser família, no período considerado de transição do modelo tradicional, foi a mudança da posição da mulher, a qual, conseqüentemente, interferiu na posição do homem.

No processo histórico, essa alteração foi radical, pois a mulher modificou e construiu uma nova posição, enquanto isso o homem tentou manter a sua antiga posição, adequando alguns comportamentos às novas ideias.

As mudanças iniciaram-se pelos rituais que antecediam o casamento. A decisão tornou-se única e exclusivamente do casal, rompendo, portanto, com a interferência dos interesses familiares, o que possibilitou o estabelecimento do predomínio de uma relação afetiva que se pretendia duradoura.

(...) Afetos, entretanto, são passíveis de extinção. E se assim é, e a sociedade reconhece, aceita-se, também, a dissolução do casal, se não se “ama” mais. Este aspecto afetivo já demonstra o aspecto distinto com que este modelo se organiza. Em primeiro lugar, ele se torna temporário. Não é mais uma união “até que a morte os separe”. Ao contrário sua duração pode ser curta e depende fortemente, da relação do casal. (MEDINA, 1990, p.19).

A antiga estabilidade, que era constante no modo de ser tradicional, foi relativizada: passa a depender da trajetória das relações do casal nos anos seguintes ao casamento. A realidade é percebida agora como “em movimento”, o que pode levar a diferentes encaminhamentos nessas relações.

Nesse modelo, após a união do casal, não ocorre necessariamente a segregação de espaços de vivência dentre seus membros, como no modo de ser anterior: o mundo do trabalho e o mundo doméstico tornam-se possibilidades de vivência de ambos os

componentes do casal, tanto no que diz respeito ao provimento da família, quanto à educação e criação dos filhos.

A mulher não mais é submetida à passividade e à dependência, tendo alguns espaços abertos para a construção de sua independência e inserção no mundo do trabalho, que antes era considerado o mundo do homem.

Na medida em que, antes, a união tinha como razão a procriação, nessa transição, as mudanças se expressam na demora em ter filhos e/ou na redução da quantidade e o fato de não ter filhos deixa de significar um hiato no casamento.

Esse é um período que, sendo de transição, expressa algumas lutas nesse sentido como, por exemplo, por igualdade de direitos. De toda forma, alguns aspectos do modelo tradicional ainda se mantêm fortemente presentes no cotidiano das famílias.

Embora a transição ocorra em razão das diferenças de relação decorrentes das mudanças do papel esperado de ambos os componentes do casal, a sociedade ainda mantém a tradição de responsabilizar a mulher pelas ocorrências de possíveis problemas na criação dos filhos. A entrada da mulher no mercado de trabalho começa a trazer, para a reflexão dos grupos mais preocupados com as questões de sociedade, o tema da responsabilidade no cuidado dos filhos.

A responsabilidade pelo provimento, mesmo que na prática viesse – em muitos casos – sendo dividida entre o casal, sofre ainda influência tradicional de responsabilização do homem. Esse aspecto da transição passa a ser objeto de novas discussões sobre a relação de gênero e sobre o modo de ser família.

Não há mais o quadro rígido do modelo anterior. O “ser família” aqui é algo a ser construído de modo flexível e levando em conta a possível instabilidade. Sendo os mundos segregados entre si, há fortes pressões sobre seus participantes adaptando-se continuamente às exigências de cada mundo. Se há tensões entre o casal, não necessariamente estas são projetadas no mundo do trabalho. Ao contrário, neste, ambos os membros podem passar o dia esquecidos da tensão entre o casal, que só retornará quando se encontrarem de novo no lar. (MEDINA, 1990, p. 21).

Com a difusão dos anticoncepcionais, a sexualidade feminina passa a ser tratada de forma independente da reprodução e daí decorre a liberdade para usufruí-la – o

que tem por decorrência o início de liberação das relações sexuais entre jovens, sem necessariamente haver a mediação do casamento.

Também deve-se à pílula anticoncepcional – em razão das possibilidades de controle da maternidade – a ampliação do mercado de trabalho feminino. O trabalho remunerado promove mudanças significativas, principalmente por introduzir no universo naturalizado da família a dimensão da escolha.

Essas mudanças ampliam e renovam o mundo subjetivo, tanto feminino quanto masculino, o que vai se refletir no modo de ser família no contexto de uma sociedade em mudança.

### **1.3 O Modo de Ser Contemporâneo**

Faller(2010)<sup>1</sup>orienta que o ato de pensar a família contemporânea exige sempre uma apreensão da mesma como uma realidade complexa e em transformação. Comenta que parece simples pensar a família nessa perspectiva, porque, muitas vezes, quando se olha para uma família, é vista como cristalizada e se tem dificuldade em assumir a ideia de seu processo de mudança.

Essa perspectiva de movimento do modo de ser família se apoia não apenas no fato de incidir sobre ela as mudanças ocorridas no processo sócio-histórico, mas também aquelas derivadas das conjunturas particulares, que pressionam para a ocorrência de relações diversas daquelas que pareciam cristalizadas.

As expressões dessas conjunturas particulares estão relacionadas às formas como as famílias estão inseridas socioeconômica e culturalmente, as quais incidem também na construção da identidade dos seus membros.

Faller (2010) ainda afirma que a família, como parte atuante na sociedade, contribui não só para a sua reprodução biológica, mas, fundamentalmente, para a sua reprodução social, num movimento de manter e transformar.

É importante sinalizar que a família contemporânea não pode ser definida a partir de um “modelo de ser família”, ou seja, dado o ritmo, a intensidade e a complexidade das mudanças nas relações de sociedade a que, cada vez mais, as famílias

---

<sup>1</sup>Palestra proferida no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, em 2010.

estão expostas, a diversidade de sua organização também passa a apresentar, em suas conformações e padrões de relacionamento, importantes mudanças internas.

Os papéis sociais exercidos no contexto familiar passam a ser menos divididos por sexo, e a sociedade não distingue tanto os gêneros – feminino e masculino – na atribuição de responsabilidades, como acontecia tradicionalmente. Há uma expectativa de que o homem saiba das atividades domésticas e da educação dos filhos, e que a mulher exerça sua profissão de forma remunerada – essas expectativas vão configurar diferentes respostas sociais e culturais, disponíveis a homens e mulheres em contextos históricos específicos. Sarti (2010, p. 23) analisa as dificuldades intrínsecas a esse processo:

As mudanças são particularmente difíceis, uma vez que as experiências vividas e simbolizadas na família têm como referência, a respeito desta, definições cristalizadas que são socialmente instituídas pelos dispositivos jurídicos, médicos, psicológicos, religiosos e pedagógicos, enfim, pelos dispositivos disciplinares existentes em nossa sociedade, os quais têm nos meios de comunicação um veículo fundamental, além de suas instituições específicas. Essas referências constituem “modelos” do que é e como deve ser a família, ancorados numa visão que considera como uma unidade biológica constituída segundo leis da natureza, poderosa força simbólica. (SARTI, 2010, p. 23).

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, secundada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), institui profundas alterações nas questões relacionadas à família, já produto das mudanças que ocorrem socialmente.

Uma delas, que modifica radicalmente a mentalidade em relação à organização familiar, é a que reconhece a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar<sup>2</sup>. A outra refere-se à quebra da chefia conjugal masculina, possibilitando à família o compartilhamento das decisões nas questões de direitos e deveres<sup>3</sup>. Outra trata da legitimação legal do planejamento familiar assumido livremente pelo casal, cabendo ao Estado propiciar condições para o exercício desse direito.

---

<sup>2</sup>CF-Art. 226, § 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

<sup>3</sup>Art. 226, § 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

Em relação aos filhos, mudanças importantes ocorreram: a atual Constituição, em seu artigo 227<sup>4</sup>, anula a diferenciação, que ocorria em Constituições anteriores, entre filhos legítimos e ilegítimos. O ECA, em seu artigo 275, acrescenta a esses avanços o direito de reconhecimento de filiação daqueles que nasceram fora do casamento, situação possibilitada pela existência do exame de DNA, que comprova a paternidade. Assim, qualquer pessoa pode e deve ter garantidos os seus direitos de filiação.

O ECA introduz várias ideias a respeito da necessidade de garantir a proteção de crianças e adolescentes, inclusive de seus próprios familiares, ao passo que reintera a “convivência familiar” como direito básico de toda criança e de todo adolescente. Ambos os aspectos, segundo Sarti (2010), contribuem para a “desidealização” da família.

Apesar de a família ainda permanecer como objeto de intensas idealizações, a realidade das transformações vivenciadas, abala de maneira significativa o modelo idealizado, resultando em complexa sustentação de um modelo considerado “adequado” – o que contribui para não haver uma idealização pronta e rígida do modo de ser família, seja na perspectiva de sua inadequação, seja na de sua adequação.

Essas transformações no modo de ser da família têm significados diversos, em cada classe ou camada social, impactando de formas diferentes sobre cada uma delas, visto que, na medida em que ocorrem em uma sociedade de classes, um número significativo delas sofre as determinações decorrentes das flagrantes diferenças de renda e de acesso aos recursos básicos.

Por essa razão, não se pode desenvolver o tema família contemporânea a partir de um único referencial, mas se faz necessário pensar nessa diversidade e, além dela, nas especificidades e subjetividades das famílias em sua realidade de classe.

Nesse processo, há um movimento que procura superar os modelos e referenciais rígidos, no que diz respeito à família, e procura abrir espaços para a flexibilidade de suas

---

<sup>4</sup>Art. 227, § 6º Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.

<sup>5</sup>ECA-Art. 27 O reconhecimento do estado de filiação é direito personalíssimo, indisponível e imprescritível, podendo ser exercitado contra os pais ou seus herdeiros, sem qualquer restrição, observado o segredo de Justiça.

fronteiras, embora exista ainda forte pressão de uma burguesia conservadora no sentido de manter o modelo tradicional e moralista.

Nesse movimento de superação, o desafio é romper com o modelo idealizado e naturalizado de família. Em relação a essa ruptura necessária, Sarti (2010) chama a atenção para a dificuldade de nos estranharmos em relação às nossas próprias referências. Faller (2010) complementa essa ideia analisando que a família que temos internalizada muitas vezes pode influenciar o olhar que projetamos para a família do outro.

Se você vai para uma cidade, para uma outra cidade..., vamos pensar em uma cidade de praia, então você pensa assim: “Se São Paulo tivesse praia!”. Mas, por outro lado, pode ser que você pense: “Agora, nessa época de dengue, pode ser que... (...) ainda bem que não tem praia!”. O que eu quero dizer com isso? Você olha o diferente e, como não o conhece bem, o primeiro movimento é familiarizar. Então o que você faz? (Por isso estou dando o exemplo da cidade). Não conhecemos direito e, de imediato, fazemos a referência. Às vezes, estamos chegando a uma cidade e já estamos reparando o trânsito... Eu me lembro de uma situação em que fui dar uma aula e o trânsito andava super bem e o motorista medisse: “Hoje o trânsito está péssimo”. De imediato, o que me veio a cabeça foi São Paulo – epensei: “Ele não sabe o que ele está falando”. Por quê? Por que eu familiarizei a cidade dele com a minha mas, na verdade, na cidade dele, a informação era a dele mesmo. Isto quer dizer que, para ele, para aquele contexto, o tráfego estava péssimo. O que eu fiz? Eu familiarizei e desqualifiquei. Eu só estou fazendo uma brincadeira, mas foi isso mesmo: eu pensei “ele não sabe do que está falando”.

Para que a família possa ser observada em sua universalidade e não a partir da família internalizada e cristalizada, é necessária a apreensão das transformações históricas, da diversidade de formas de ser família e, principalmente, ter a consciência de que, em uma sociedade de classes, as possibilidades de ser família e o seu modo de se organizar e exercer cuidados são distintos e igualmente importantes para seus membros.

Segundo Heller (1987, p.10):

A família permanece sendo a única forma de comunidade real, é a "casa", o "porto seguro" do indivíduo. [...] E é dentro da família que cada um deseja receber atenção, respeito e reconhecimento da própria personalidade. [...] Assim, a família torna-se esfera íntima da existência, o local exclusivo onde se pode exprimir a própria emoção e agregar-se aos outros. O local onde se pode relaxar em conjunto, o local

enfim onde se pode desfrutar a sensação de pertencer [...] Se não se tem um lar para onde retornar, onde encontrar amigos, onde se é conhecido e compreendido, onde se pode relaxar completamente, não se pode ser emocionalmente seguro.

Ainda, nessa apreensão do sentido universal do valor da família em nossa sociedade, temos as palavras de Sarti (1999 p.100):

A família, seja como for composta, vivida e organizada, é o filtro através do qual se começa a ver e a significar o mundo. Este processo que se inicia ao nascer prolonga-se ao longo de toda a vida, a partir dos diferentes lugares que se ocupa na família. (...) é onde se ouvem as primeiras falas com as quais se constrói a autoimagem e a imagem do mundo exterior. É onde se aprende a falar (...) e a ordenar e dar sentido às experiências vividas.

## Capítulo II O CUIDADO

*É o cuidado que confere sentido à existência humana, é ele que faz a vida humana significar.*  
(Heidegger)

### 2.1 As Bases Filosóficas do Cuidado

A perspectiva do cuidado anunciava-se desde que começamos a pensar sobre a representação da figura do pai ou paternana sociedade brasileira. De certo, ainda não estava clara como categoria, mas perpassava nossa reflexão.

Por outro lado, para compreender as apreensões sobre o cuidado expressas pelos pais, buscamos o significado da categoria “cuidado” no sentido de entendê-la para além de sua relação com a questão de gênero.

As produções teóricas do serviço social que referenciam a categoria cuidado como tema de análise são incipientes e, para que esse estudo acontecesse, iniciamos nossa pesquisa pela busca das raízes etimológicas da palavra. Recorremos, em seguida, a outras áreas do conhecimento, no sentido de ampliar o máximo possível— dentro dos recortes deste trabalho— o debate sobre a mesma. Consideramos, então, os argumentos e as construções de estudos filosóficos relacionados ao cuidado para, depois, finalizar a pesquisa com a apreensão do entendimento diverso e particular sobre cuidado de cada sujeito da pesquisa.

O significado da palavra cuidado, segundo alguns dicionários de filologia, deriva do latim *cura* (*coera*) e era expresso no âmbito das relações de amor e de amizade—referida à atenção, ao interesse, à atitude de desvelo e preocupação e de inquietação pela pessoa ou objeto estimado (SILVA JÚNIOR, 2005).

Essa compreensão refletiu-se na divisão sexual do trabalho, situando o cuidado como ação intimamente ligada ao afetivo e como uma capacidade inerente ao gênero feminino. No entanto, na etimologia, existe um importante destaque: ao contrário da compreensão comum do cuidado, este passou a ser analisado como uma ação que pode

ser exercida por ambos os sexos. Outros, ainda, consideram que a palavra cuidado pode significar a atenção dada a algo ou a alguém – sendo que esse alguém pode ser a própria pessoa.

Essa perspectiva é analisada por Foucault (1994, *apud* SILVA JÚNIOR, 2005, p. 5) que, ao tratar da prática da liberdade, considera que um dos estatutos do sujeito é o cuidado de si, o que implica a criação e a invenção de si mesmo como sujeito. O cuidado de si envolve a relação de si consigo - um trabalho incansável de construção de si mesmo.

Existe, no imaginário popular, a crença que relaciona amar e cuidar: “quem ama, cuida”. Também no campo do senso comum, os ditados populares anunciam que o cuidador é quem tem responsabilidade, ficando implícito que, por um tempo histórico determinado, a concepção do cuidado dos filhos era intimamente ligada à mulher: “mãe é mãe”, “mãe cuidadosa, filha preguiçosa”, “mãe acautelada, filha bem guardada”, “mãe preguiçosa faz filha opinosa”, “mãe é quem cuida”.

Já os ditados relacionados aos homens os colocam mais como provedor: “pai é pai, mas mãe é quem cuida”, “a pai avarento, filho pródigo”, “a pai guardador, filho gastador”, “a pai fazendeiro, filho doutor, neto pescador”. Esses ditados falam das crenças populares, construídas em um determinado momento sócio-histórico, ainda que, mudado o momento, os ditos permaneceram, o que não implica a permanência da obrigatoriedade da divisão de responsabilidades, seja do cuidado, seja do provimento.

Ainda, pode-se referir a outras possibilidades de cuidados que, historicamente, vêm sendo utilizadas como apoio nas relações familiares: a terceirização dos cuidados – cuidadores contratados – e a ampliação do Estado e da sociedade na oferta de espaços onde determinados cuidados são oferecidos.

Diante do exposto, concluímos que o debate sobre a categoria cuidado está intrinsecamente associado a diversos princípios, alguns deles religiosos culturais e sociais e que permeiam o modo de ser das relações humanas.

Nesta dissertação, o cuidado é entendido como potencialidade humana inerente às pessoas (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 2011), que independe do sexo e precisa de condições para se manifestar. Enquanto Boff compreende o cuidado como atitude fundamental de um modo de ser – no qual a pessoa sai de si e centra-se no outro, com carinho – Heidegger aponta que a origem humana está no cuidado e que esse cuidado

possui uma anterioridade que imprime, mantém e domina o ser-no-mundo: o cuidado é a primeira característica de humanidade. Esse cuidado passa a ser, então, um modo de ser-no-mundo que fundamenta as relações que se estabelecem com todas as coisas. No jogo de relações, na coexistência e na convivência, o ser humano edifica seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.

Boff(2011) considera que cuidar é “ocupar-se com atenção, zelo e responsabilidade com alguém, consigo mesmo e com a sociedade”. Para ele, o cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para o sujeito, o qual passa, então, a dedicar-se e a dispor-se a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida. Para ele, existem duas maneiras básicas de existir: pelo trabalho e pelo cuidado. A construção da realidade passa, então, a ter seu processamento por essas duas dimensões.

O trabalho transforma-se em modo-de-ser consciente e assume a característica de um projeto, com suas manobras de modelagem de si mesmo e da natureza. Entretanto, a busca pela superação dos desafios impostos pela realidade leva o ser humano a aprofundar sua capacidade de interpretação e intervenção. Essa racionalidade leva também a uma objetividade cada vez mais imediata: à busca de uma tecnologia, a qual acaba por robotizar e fragmentar suas ações, distanciando-o de suas relações com a natureza.

Por outro lado, na outra dimensão do cuidado,

O cuidar das coisas implica em: ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele. A razão analítico-instrumental abre caminho para a razão cordial, o espírito da delicadeza, o sentimento profundo. A centralidade não é mais ocupada pelo logos-razão, mas pelo *pathos*-sentimento. (BOFF, 2011, p.96).

Nos estudos de Heidegger (2004), o cuidado é percebido como o modo-de-ser essencial do ser humano, que acontece antes de qualquer outro comportamento e é encontrado em toda atitude e em toda situação de fato. Está presente em tudo, logo, é o fenômeno ontológico-existencial básico, fundamental para a interpretação do sujeito. Para explicar o cuidado como essência da existência humana, Heidegger (2004) utiliza

uma fábula de origem grega e base latina, escrita por Higino. Nessa fábula, Cuidado, ou Cura, passeia próximo a um rio e vê um pedaço de barro – que para outros passaria despercebido – e lhe dá uma forma. Admira o que havia feito, mas considera que lhe falta vida.

Neste momento, Júpiter – deus criador – aparece e Cuidado pede-lhe que incute espírito na sua obra. Júpiter insufla nas narinas feitas de barro o hálito da vida e a obra se torna viva. Mas faltava ainda um nome para a nova criatura. Criou-se um impasse: Cuidado queria dar um nome e Júpiter queria que lhe fosse dado o seu nome; a deusa Terra desejava o mesmo, pois fora dela que originalmente surgira a nova identidade.

Então, foi chamado Saturno – o deus do tempo e da abundância – para resolver as divergências. E Saturno julgou e decidiu: a Júpiter foi prometido o espírito após a morte da criatura, já que ele é quem lhe havia dado a vida; a Terra – que fornecera o material do corpo – o receberia quando morresse; e ao Cuidado – que foi quem por primeiro o moldou – coube a responsabilidade dos cuidados com a criatura durante toda sua existência no mundo. O nome daquele ser foi decisão de Saturno: chamou-o de Homem, porque viera do húmus, isto é, da terra fértil e que a ela voltaria.

Essa fábula é uma tentativa do homem para revelar a realidade imaterial, ontológica do sujeito, desvelando a gênese e a finitude humana. Heidegger (2004) percebeu que, na imaginação de Higino, o Cuidado, ou a Cura, representava a primeira manifestação de uma característica fundamental do existir humano. O ser-no-mundo é muito mais do que simplesmente o ser-que-está-no-mundo. No mundo, o ser é ôntico e é ontológico<sup>6</sup>. O ôntico ocupa-se e o ontológico preocupa-se – cuida – e esse cuidado é percebido como algo intuído, que se constitui, de fato, em um referencial de sentido para todas as ações humanas: a preocupação. E foi dessa preocupação que surgiu o homem. Logo, o cuidado, pensado aqui, é entendido como preocupação para si e para fora de si, o que leva a uma ocupação. Essa ocupação tem o sentido primeiro de preservação de si ou de outro, que se caracteriza pela ação: a ação de cuidar. Nessa perspectiva, cuidar é tarefa de todos e de tudo, como cuidar do planeta, do país, da cidade, de si, do outro, do familiar ou do não familiar, da criança, do idoso, do que sofre, do que chora, do que pede

---

<sup>6</sup>Para Heidegger (2004), o ôntico é o existente, distinto do ontológico, que é o ser categorial – ou seja, é referido à essência ou à natureza do existente. A propriedade empírica de um sujeito é uma propriedade ôntica; a possibilidade ou a necessidade do ser é uma propriedade ontológica.

e do que não pode pedir.

Esse cuidado exige o compreender a si ou ao outro. Esse é o aspecto fundamental da ética do cuidado: a realidade – seja a própria, seja a do outro – é percebida por meio da emoção, a qual deve ter como norte uma aceitação crítica, ou seja, uma aceitação que, não desqualificando, permite caminhar para a superação.

### Capítulo III

## O CUIDADO PATERNO

A análise do cuidado paterno, nesta dissertação, terá por ponto de partida o estudo do significado da paternidade, do seu processo histórico e, em seguida, do modo como vem se configurando esse cuidado no mundo contemporâneo.

O exercício da paternidade, no mundo antigo, especificamente na sociedade grega, era muito diferente do atual, principalmente na forma de se relacionar. Isto porque, segundo Faria (2003, p.56), a família não era um espaço construído para convivência amorosa ou para troca, mas para ser o lugar em que o cidadão – o “pai de família” – tinha a seus serviços uma mulher que lhe gerava filhos e perenizava sua linhagem.

Por essa época, a convivência era mínima, entre pais e filhos, os quais, quando pequenos, eram cuidados pelas escravas, pelos preceptores e pela “senhora” (a mãe) e, quando eles cresciam, eram educados fora do lar, enviados para outras famílias, como aprendizes. Em função desse costume, os conflitos de geração eram mínimos e nunca partilhados entre pais e filhos.

Análise semelhante é encontrada em Roudinesco (2003, p.21), o qual acrescenta que

heróico ou guerreiro, o pai dos tempos arcaicos também é [visto como] a encarnação familiar de Deus, verdadeiro rei taumaturgo, senhor das famílias. Herdeiro do monoteísmo, reina sobre o corpo das famílias e decide sobre os castigos infligidos aos filhos.

Em Roma, no direito romano, era o *pater*, que se designava como pai de uma criança, fosse esta nascida de suas relações com a esposa – ou não – ou por adoção. Como consequência, a filiação biológica era totalmente desconsiderada, caso não fosse seguida dessa designação – por gesto ou por palavra. Esse ritual resultava na posição de comando do pai no seio da família. Estava atrelado, também, à sucessão dos reis e dos imperadores.

Com isso, a paternidade natural não tem significação no direito romano: “Toda criança não reconhecida como seu filho por um homem, mesmo no caso de ter nascido de sua esposa legítima e de seus atos, não tem

pai”. Quanto ao pai, pode, se quiser, legitimizar qualquer estranho em prol dele, pois é o senhor de sua casa. Mas pode igualmente deixá-lo na indignância, ignorá-lo completamente: esta criança não é seu filho, ele nada lhe deve.(JACQUES MULLIEZ, 1990, *apud* ROUDINESCO, 2003, p.21).

Portanto, na configuração cultural desse período histórico, a paternidade era compreendida a partir de duas funções: deprocriador (genitor) e de *pater*– quando o homem se designava pai por meio da fala.

Na Idade Média, Roudinesco(2003, p.21) analisa que “sem abolir a paternidade adotiva, o cristianismo impõe o primado de uma paternidade biológica, à qual deve obrigatoriamente corresponder uma função simbólica”.O pai é visto como a “encarnação terrestre de um poder espiritual que transcende a carne”sem deixar de ser submetido às leis da natureza.

Portanto, a paternidade deixa de ser produto da vontade do homem (como o era no Direito Romano) para ser produto da vontade de Deus – o que significava sua submissão à legitimidade sagrada do casamento. O pai era pai porque seu sêmen marcava o corpo do seu filho e, também, porque ele lhe dava o seu nome, o qual lhe conferia uma identidade.

Na época medieval, escreve Didier Lett, a maioria dos homens está convencida de que, por ocasião da concepção, o sêmen feminino não desempenha papel algum na formação do embrião e que apenas o esperma masculino goza de virtudes informativas e transmite semelhanças.(ROUDINESCO 2003, p.23).

Como conta Ariès (1981, p. 156-157), ao analisar esse mesmo período, o sentimento de infância não tinha o mesmo significado que lhe é dado hoje: não havia a consciência da particularidade infantil em relação à particularidade do adulto ou do jovem. A criança pequena vivia sem atenção especial, porque, no contexto familiar, ela era passível de desaparecer, uma vez que a sua sobrevivência era improvável – recebia atenção apenas após a superação do período de alto risco de mortalidade.

O autor cita um estudo realizado por Furnival, em 1868, no qual descreve a atitude de uma família inglesa, no período medieval, em relação às suas crianças, após

conservá-las em casa até a idade de 7 a 9 anos: “eles as colocam, tanto os meninos como as meninas, na casa de outras pessoas para aí fazerem o serviço pesado, e as crianças aí permanecem por um período de 7 a 9 anos (portanto, até entre cerca de 14 e 18 anos). Elas são chamadas então de aprendizes”. Esse tipo de prestação de serviços incluía, ao mesmo tempo, aprendizagem e uma forma muito comum de educação.

Nesse costume da era medieval estavam também abrangidos os modos de formação das crianças das famílias reais: Luís XIII, quando criança, em uma explosão afetiva, disse que gostaria de ser “o pequeno *valet* do papai” – valete, na época, significava menino pequeno – ou seja, que ele gostaria de ser “o menino pequeno do papai”.

Isso não significava que os pais não amavam seus filhos, eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que lhes tinham, do que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família (...) a família era uma realidade moral e social, mais que sentimental (...) a família quase não existia sentimentalmente entre os pobres. (ARIÈS, 1981, p.231).

Essa situação sofre modificações, a partir do século XV, quando a educação passa a acontecer cada vez mais pela escola, em razão de “uma maior preocupação dos pais, de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais perto deles e de não abandoná-los mais, mesmo temporariamente, aos cuidados de outra família”. (ARIÈS, 1981, p.231-232).

Ariès(1981) observa que, nesse período, os problemas morais da família aparecem sob nova luz. Exemplifica sua afirmação contando sobre um antigo costume que se difunde a partir do século XVII para evitar o perigoso esfacelamento do patrimônio – esse costume permitia beneficiar apenas um dos filhos (em geral, o filho mais velho), em detrimento dos irmãos. Esse privilégio de um único filho – beneficiado por sua primogenitura ou pela escolha do pai – passa a ser, então, a base da sociedade familiar do fim da Idade Média até o século XVIII.

Em períodos posteriores, os moralistas educadores contestaram a legitimidade desse privilégio paterno que, na opinião deles, prejudicava a equidade, era avesso a um sentimento novo de igualdade de direitos à afeição familiar e tinha uma utilização moralista.

Os esforços para reestabelecer os privilégios do mais velho no início do século XIX chocaram-se contra uma repugnância invencível da opinião pública: muito poucos chefes de família, mesmo nobres, utilizaram o direito que lhes era reconhecido pela lei de beneficiar apenas um dos filhos. (ARIÈS, 1981, p.235).

Esse respeito a que o pai teve que se submeter, relacionado à igualdade entre os filhos, reflete um movimento histórico gradual, em direção à afetividade familiar moderna. Segundo Ariès (1981, p.235), construía-se naquele momento um “valor novo” no contexto familiar, o qual tinha por base a afeição.

Ainda no século XVII, na Europa, inicia-se um processo de aproximação entre pais e filhos e, com isso, a família vai assumindo um espaço onde a possibilidade maior de convívio permite que os sentimentos tenham lugar. Ariès (1981, p. 263), citando Gerard, conta que, por essa época, já se podem encontrar determinações que configuram “um bom pai”: aprender a controlar sua mulher, educar bem os seus filhos e bem governar seus criados.

### **3.1 O Cuidado Paterno em Terras Brasileiras**

Para o estudo do cuidado paterno em terras brasileiras, parte-se da reflexão feita por Guimarães Rosa: “Não é o caso inteirado em si, mas a outra coisa, a sobre coisa”. Essa reflexão nos leva a pensar: Como falar hoje desse pai, sem ver nele a totalidade que determina todo o processo que se constroi acerca da paternidade? Como trabalhar a questão da paternidade na família contemporânea brasileira sem conhecer a história de sua construção? Segundo Silva (2010), a dificuldade em definir o que é pai deve-se ao fato de tal definição ter de levar em conta variáveis como a herança arcaica, o simbólico, a experiência de ser filho de um pai e as relações construídas no cotidiano.

Com a colonização, o espírito medieval de concepção de masculinidade e feminilidade é transplantado para o Brasil, por ocasião do seu descobrimento. Importa-se um discurso moralizador, com base na difusão da fé católica, a serviço da necessidade do sistema mercantil da constituição de contingentes populacionais que vivessem nas novas terras.

A família brasileira que se constitui nesse processo assume uma configuração de pai de família marcada fortemente pela influência das ideias patriarcais europeias. A figura do pai torna-se o núcleo de um sistema, composto de duas partes inter-relacionadas: a primeira, composta pelo patriarca, sua mulher e os filhos legítimos, morando na casa-grande da fazenda; e outra, composta por um grupo mais numeroso – de escravos, amantes e concubinas do senhor, amigos e clientes – situada na periferia. (PARKER, *apud* FARIA, 2003, p. 59).

Segundo Faria (2003, p. 59) desde seu início, na família brasileira, existe a figura do pai déspota – senhor da vida e da morte dos filhos, da esposa e dos escravos.

No século XIX, pela influência da Revolução Industrial e do Iluminismo, tem início a modernização da ideia de paternidade, a qual começa a se tornar mais igualitária. Essa modernização chega ao Brasil gradualmente, concorrendo para solapar o autoritarismo paterno.

No contexto dessas transformações familiares é que surge e se desenvolve a família burguesa, como decorrência da formação de uma nova classe e da decadência da aristocracia. Essas transformações também vieram acompanhadas pelo ideal do casamento democrático: de mútua estima, de mútua amizade e de mútua confiança. Eram ainda regidas pela ideia de que a felicidade individual e o amor eram subprodutos desse tipo de união. (LA ROSSA, 1997, *apud* FARIA, 2003, p. 63).

Com a modernização das relações sociais, a industrialização e a emergência das cidades e do trabalho urbano, as famílias vão se tornando nucleares, e o espaço doméstico assumindo novas características, possibilitando a emergência de vínculos afetivos e da ideia da casa como refúgio.

Um novo modelo de paternidade começa a se configurar na segunda metade do século XX, tendo por base a ideia de um pai provedor – veiculada pelo cinema e pela mídia – na qual há um redimensionamento da noção de masculinidade e a perspectiva de um pai ativo no cuidado de seus filhos.

Nessa nova configuração, o pai passa a desempenhar o papel de pai provedor e de figura representativa da masculinidade “não apenas para os filhos homens, mas também para as meninas”. Havia um grande número de pais na cidade e especialmente no campo – onde a industrialização afeta menos as relações – que “mantinha laços

emocionais fortes com suas crianças, interagia com elas regularmente, e era importante fonte de aconselhamento e consolo”. (LA ROSSA,1997, *apud* FARIA, 2003, p. 64).

Se alguns estudos históricos vêm analisando que, hoje, há uma tendência à invisibilidade e à distância do homem em suas relações familiares e que essa tendência tem por base a economia –por seu afastamento do sustento do lar –observa-se que essa distância e essa ausência também ocorrem em relação ao desenvolvimento físico e emocional de seus filhos, independentemente da questão econômica.

Isso significa que, ao se pensar na ausência paterna, fica visível que, para além da ausência física, também há que se preocupar com a distância psicológica. Essas ausências requerem estudos aprofundados, que permitam um conhecimento mais aprofundado das relações e dos comportamentos no âmbito familiar, situando melhor o entendimento do cuidado paterno e de seu exercício nos dias atuais.

É importante ressaltar que, com o aprofundamento dos papéis e das novas configurações familiares – com atenção especial para as transformações das famílias respaldadas pela política de assistência social –Sarti (2003, p.81) faz a seguinte reflexão: “Diante do fato cultural de que o cuidado da criança é preferencialmente confiado à mãe e à sua rede de sociabilidade, torna-se evidentemente mais fácil de desvincular a categoria pai de sua origem biológica de sangue”.

Para Zoja (2005, p. 207), o processo de mudança das relações econômicas e familiares estende-se por todo o mundo.

O pai destina cada vez mais dinheiro aos seus filhos, porém cada vez menos tempo. Ele conta os recursos financeiros para a vida do filho, mas conta sempre menos na vida do filho (...) em qualquer época o empenho dos pais com as crianças é sempre drasticamente inferior ao da mãe.

Por outro lado, se a imagem paterna de provedor baseava-se prioritariamente numa identidade masculina –cujo foco central é a atividade profissional – hoje, o pai provedor é visto a partir de outra direção da construção da identidade masculina: a de um homem que também se responsabiliza pelo cuidado direto de seus filhos.

É importante salientar que, atualmente, são discutidas – no contexto da academia – teorias de gênero, que defendem que aquilo que é vulgarmente concebido

como inerente à masculinidade e à feminilidade depende do funcionamento do sistema, ou seja, de determinações sócio-históricas e psicológicas que conformam uma cultura.

No Brasil, foi publicada, em 1995, pesquisa de duas estudiosas (REZENDE e ALONSO, 1995 *apud* FARIA 2003, p.70) que entrevistaram 18 pais, usuários do serviço de saúde. O foco da pesquisa foi o levantamento de suas expectativas, dificuldades, percepções e seus sentimentos em relação ao cuidado direto dos filhos.

As pesquisadoras concluíram que esses pais desejavam se envolver mais com os seus filhos, mas que esse desejo não era nem compreendido, nem estimulado, por suas mulheres, nem pela equipe do serviço de saúde. Essa pesquisa é significativa ao permitir perceber o processo de construção de uma nova perspectiva de paternidade e de suas dificuldades para se afirmar socialmente, dada a pressão da sociedade, fundada em uma cultura enraizada, ainda que em transformação.

Hurstel(1999), ao enfatizar o pai como uma instituição em visível transformação, foca as estruturas em atividades no sujeito e a importância do pai no desenvolvimento das crianças. Em sua análise, lembra que o exercício do cuidado paterno na família, na sociedade contemporânea, vem assumindo formas distintas nas diferentes classes sociais.

CythiaSarti (2011, p. 63), em seu estudo sobre a moral dos pobres, analisa o lugar do homem e o da mulher dentro da instituição família nas favelas da cidade de São Paulo. A pesquisadora pontua o fato de o homem ser identificado com a figura da autoridade – embora não descarte a autoridade da mulher, considerando que ambas são divididas e se complementam. Diferencia essas autoridades relacionando-as à casa e à família.

A casa é identificada com a mulher e a família com o homem. Casa e família, como homem e mulher, constituem um par complementar, mas hierárquico. A família compreende a casa; a casa está, portanto, contida na família.

O homem é considerado o chefe da família e a mulher a chefe da casa – o que possibilita diferentes exercícios de autoridade dentro do contexto familiar – o homem é o mediador entre a família e o mundo externo (autoridade moral); auxilia na

respeitabilidade familiar e sua presença contribui para que a família tenha uma moral positiva, pois ele simboliza o respeito.

A mulher é quem mantém a unidade do grupo familiar: cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar – é a patroa. Quando a autoridade masculina não é responsável pelo provimento da família (teto, alimento) –entendido socialmente como função masculina – o homem sofre o abalo e a desmoralização decorrentes do não exercício de seu papel de provedor.

(...) a desmoralização ocorrida pela perda da autoridade que o papel do provedor atribui ao homem, abalando a base do respeito que lhe devem seus familiares, significa uma perda para a família como totalidade, que tenderá a buscar compensação pela substituição da figura masculina de autoridade por outros homens da rede familiar. (SARTI, 2011, p.67).

Para a autora, não é um problema para a mulher cumprir o papel masculino de provedor, o que é – para ela –, um problema, é manter a dimensão de respeito que a presença masculina representa, a qual ela não pode substituir.

As pesquisas realizadas por Sarti (2011, p. 71) demonstram que antigamente era o homem que mandava na casa:

[...] só que, de uns tempos para cá, quem está mandando mais é a mulher... não sei se é a falta de trabalho, ou são os homens mesmo que estão muito acomodados... agora tem... como diz... Os direitos são iguais... mesmo a mulher que não trabalha, ela tem mais poder do que antes, não sei o que está acontecendo com as gerações de agora, os homens não estão querendo muita responsabilidade, eles estão deixando tudo nas costas das mulheres. E eles sabem que as mulheres vão à luta e tem homem que num tá nem aí.

Na continuidade dessa reflexão, tem-se a clareza de que não é possível reduzir a ausência e/ou a presença negativa do pai, hoje, somente entre aqueles pertencentes a famílias vulneráveis socialmente

**Capítulo IV**  
**O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL–**  
**EM INSTITUIÇÕES E EM FAMÍLIAS ACOLHEDORAS**

Este capítulo tem por finalidade apresentar o processo de desenvolvimento da política de acolhimento institucional implantada no Brasil, a partir de uma breve contextualização histórica, de uma análise de seus marcos legais e de uma reflexão sobre as diferenças existentes entre os modos de acolhimento institucional e os modos de funcionamento assumidos pelos serviços de acolhimento em famílias acolhedoras.

**4.1 Breve Contextualização Histórica do Acolhimento Institucional no País**

A história da institucionalização de crianças e adolescentes no Brasil conta que as crianças nascidas em situação de pobreza e/ou em famílias com dificuldades para criarem seus filhos tinham –como auxílio do Estado –quase que certo serem encaminhados para instituições. Nesse sentido, crianças orfãs, abandonadas ou aquelas cujas famílias não reunissem condições econômicas para o cuidado e o desenvolvimento de seus filhos, apresentavam as condições exigidas para um atendimento institucional.

Baptista (2010) em seu artigo “Um olhar para a história”, realiza um estudo sobre a história da criança e do adolescente brasileiros desde o período da colonização, e o tratamento a eles dispensado em nossa sociedade, particularmente àqueles em situação de vulnerabilidade. Esse estudo é apresentado a partir de divisões que têm por base os diferentes momentos históricos: Nos tempos da colônia; No Período da monarquia; Nos primórdios da república; Em tempos de industrialização; Durante o governo militar; e, finalizando, A caminho de um novo tempo.

Dessas aproximações à história, ressaltaremos, nesta Dissertação, a atenção dispensada ao analisar o contexto contraditório de cuidados às crianças, criado e consolidado pelo Estado brasileiro.

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, o encontro com os índios que aqui viviam levou-os a assumir uma estratégia inicial para a aculturação desses habitantes. Dado o fato de apresentarem resistência a essa aculturação, foi se definindo, como um caminho viável para o alcance desse objetivo, a caraqueze de suas crianças, consideradas “almas menos duras”.

Nesse processo, muitas dessas crianças foram afastadas de suas tribos e, entre 1550 e 1553, criadas as Casas de Muchachos – “protoforma dos abrigos e internatos educacionais que perduraram até hoje”. (SPOSATI, 2004, p.1 *apud* BAPTISTA, 2010, p.21). Esse processo teve continuidade no decorrer dos séculos XVI e XVII, quando os jesuitas fundaram Colégios nas principais vilas e cidades do Brasil.

Essas Casas de Muchachos acolhiam indígenas, e órfãos e enjeitados vindos de Portugal –considerados “meninos da terra”, membros do “exército de Jesus”. Porém, não existiam interesses, por parte dos jesuitas, em admitir, sejas Casas de Muchachos, seja nos Colégios, as crianças da colônia.

Os estudos históricos indicam que a prática de abandono dos filhos, no Brasil, foi introduzida pelos europeus. Nos séculos XVI e XVII, era possível encontrar crianças brancas, mestiças perambulando e esmolando, no entanto, nenhum pequeno exposto, filho ilegítimo ou de escravo, foi admitido nas Casas de Muchachos ou nos Colégios.

Os poucos cuidados destinados a essas crianças eram resultantes das ordens do Reino, que definia como responsáveis pelos mesmos as câmaras municipais e as Santas Casas de Misericórdia. No século XVIII, foram implantadas, nas Santas Casas de Misericórdia, as primeiras rodas de expostos.

Em 1822, quando tem início o período monárquico brasileiro, após a proclamação da independência, os problemas da pobreza e da criança carente ganham visibilidade e tornam-se alvo de preocupação, na sociedade, pois consideravam que os mesmos afetavam os desenvolvimentos social e econômico do País.

As obrigações das câmaras municipais, originariamente definidas pelas ordens do Reino, em 1828, foram reformuladas com a Lei dos Municípios. Com essa lei, a responsabilidade pelos cuidados das crianças carentes e órfãs, passa para as Santas Casas de Misericórdia, nos municípios que as possuíam.

Durante esse período, a Igreja Católica funda a primeira Casa de Recolhimento dos Expostos, que eram instituições complementares à roda. Essas Casas recebiam crianças a partir de 3 anos – antes dessa idade, eram cuidadas por amasdeleite. Quando essas crianças completavam 7 anos, a instituição procurava encontrar uma família para assumir os seus cuidados.

Os critérios de organização dessas Casas de Recolhimento eram variados: poderiam ser por raça, sexo ou por situação legal de abandono, como, por exemplo, órfãos, filhos de relação extraconjugal, indigentes ou pobres.

Apenas em 1929 é implantada uma escola de primeiras letras, no Recolhimento da Misericórdia (MARCÍLIO, 1998, *apud* VERAS, 2000, p.23). Esse tipo de empreendimento é seguido pelo *Asylos* de Educandos, com a finalidade de profissionalizar órfãos e abandonados no território de nove províncias.

Em meados do século XIX, algumas mudanças significativas aconteceram em relação aos cuidados das crianças: na ação das Santas Casas de Misericórdia, o sistema de amas mercenárias é abolido, por ser considerado a principal causa de mortalidade infantil; e criado o sistema de admissão aberta – que possibilitava saber quem estava entregando a criança; a faixa etária de atendimento amplia-se, pois crianças de até 7 anos de idade passam a ser deixadas nos asilos de expostos, lugar onde anteriormente só eram aceitos bebês. (MARCÍLIO, 1998, *apud* VERAS, 2000, p.23).

Nessa conjuntura, as primeiras propostas de políticas públicas foram construídas. Cada vez mais, o Estado assume o controle de questões que antes eram de responsabilidade das Santas Casas de Misericórdia, fazendo com que estas perdessem sua autonomia.

Com essas mudanças, em função das Leis do Ventre Livre e Áurea – editadas em 1871 e 1888 – crianças negras e mestiças, juntam-se às crianças das famílias pobres e nascidas de prostitutas, na procura de acolhimento. A miséria e a pobreza crescentes nesse período contribuem também para o aumento do número de crianças abandonadas.

No final do século XIX e início do século XX – nos primórdios da República –, cresce o número de obras filantrópicas dirigidas às crianças. Concomitantemente, as ideias do Iluminismo europeu se manifestam no País a partir dos posicionamentos de médicos higienistas e juristas, que manifestam suas preocupações com as crianças

abandonadas, com as práticas e as metodologias utilizadas para os seus cuidados e com a formulação de políticas assistenciais.

O desenvolvimento econômico e demográfico desse período possibilita que a pobreza tenha mais visibilidade, o que leva a exigir que as políticas públicas sejam revistas e ampliadas – as crianças abandonadas passam, então, a ser consideradas “em situação irregular”.

Como o número de adolescentes abandonados crescia e as instituições não tinham capacidade de atender o elevado índice de demanda, o Estado é pressionado a assumir a gestão de instituições de recolhimentos de adolescentes e jovens, menores de 21 anos, em estado de abandono – vistos como vadios, viciosos, abandonados e pequenos mendigos.

A base ideológica que norteava os cuidados das crianças e dos adolescentes era na linha corretiva, o que modifica a antigacultura da caridade. E é a partir desses conceitos que as novas instituições passam a ser criadas e as antigas, por sua vez, adaptadas.

Em 1920, a questão que já era estatal torna-se legal: a Lei 4.242/1921 autoriza o governo a instalar o serviço de assistência e proteção à infância abandonada e delinquente e determina a construção de abrigos de recolhimento provisório. Os então considerados menores, quando encontrados abandonados ou quando tivessem cometido crime ou contravenção, eram encaminhados para uma “casa de reforma”.

Após alguns decretos e leis, em 1927, é sancionado o Código de Menores Mello Mattos, que consolida as leis de assistência e proteção a menores - os quais foram divididos, no documento, como abandonados e delinquentes e tipificados como vadios, mendigos e libertinos.

Com a crise econômica no Brasil e no mundo (no período que vai da década de 1920 até 1940), o País vive significativas transformações sociais, políticas, econômicas e demográficas. Com o processo de industrialização, o debate sobre a proteção de crianças e adolescentes ganha atenção especial.

Em 1937, a Constituição Federal introduz deveres do Estado não só de proteção aos menores abandonados mas também de auxílio aos pais, nomeados como miseráveis.

Na década de 1930, a proteção social passa a ser objeto de discussão política da nova ordem estabelecida (governo Vargas) e a família torna-se alvo de cuidados enquanto as consideradas em situação de miserabilidade adquirem o direito de solicitar auxílio do Estado para garantir a subsistência de seus filhos.

Em 1949, o Juizado de Menores institui um Serviço de Colocação Familiar, com o objetivo de diminuir ou prevenir o número de internações em abrigos.

Nos anos que se seguem, Foros Nacionais e Encontros acontecem, e novas propostas de reforma do Código de Menores passam a existir. As ideias que norteiam esses Encontros são providas tanto dos princípios cristão, quanto da Declaração dos Direitos da Criança, promulgada pelas Nações Unidas de 1959.

Nos meados da década de 1960, os militares assumem, a partir de um golpe, o governo do País, por mais de uma década. Nesse período, o Estado realiza o papel de interventor e responsável principal das medidas de proteção à criança e ao adolescente pobre ou infrator. Em 1964, é aprovada a Lei 4.513, que cria a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) que passa a tratar das questões da criança e do adolescente na perspectiva da segurança nacional.

Essas questões são tratadas, ainda, a partir do conceito de “situação irregular”, segundo o qual as crianças e os adolescentes são vistos como “em perigo moral”, por desvio de conduta ou por responder por ato infracional. As instituições que já existiam e executavam essa política são repassadas aos governos estaduais, que se responsabilizam pelo abrigamento dos menores.

Barbetta (1993, p. 39, *apud* VERAS, p.27) aponta três importantes iniciativas para a reestruturação do então pensamento da sociedade brasileira em relação aos cuidados com suas crianças e adolescentes. São elas: o surgimento da Pastoral do Menor – que sociabiliza a ideia de “sujeito da história”, a partir da Teologia da Libertação; a determinação do Ano Internacional da Criança, em comemoração aos 20 anos da Declaração do Direito Universal das Crianças - que suscita o trabalho com comunidades e grupos problematizadores das questões relacionadas aos “menores”; e, por fim, a fundação do Movimento de Defesa do Menor em São Paulo, liderado por Lia Junqueira – cuja etapa inicial era a denúncia de maus-tratos e violências cometidas contra crianças.

Na década de 1980, com o fim da ditadura militar e o fortalecimento da democracia, iniciam-se os movimentos populares em defesa dos direitos, da cidadania, da participação da sociedade civil no poder e na administração pública, somados à criação do Fórum Permanente da Criança e do Adolescente e das discussões sobre as questões relacionadas ao abrigo e ao abandono, que ganham espaço de debate, o que possibilita sua inclusão em artigos da Constituição Federal de 1988. Estava assim se iniciando um movimento que resultou na edição do ECA.

#### **4.2 O Acolhimento Institucional e o Acolhimento em Famílias Acolhedoras – Marcos Legais Políticos**

No ECA, está estabelecido, em seu artigo 19, que toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária.

Em função desse princípio, o ECA também estabelece a excepcionalidade e a provisoriedade do Acolhimento Institucional e do Acolhimento Familiar, obrigando que se assegure a preservação dos vínculos familiares e a integração em família substituta quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem (ECA, Artigos 92 e 101).

Diante dessa excepcionalidade, o ECA estabelece que a colocação em família substituta se dê em definitivo por meio da adoção ou, provisoriamente, via tutela ou guarda (ECA, Artigos 28 a 52), sempre por decisão judicial, processando-se dentro dos princípios e requisitos previstos na Lei 8.069/1990, aplicando-se, quando for o caso, subsidiariamente, as regras do Código Civil.

A partir de 2006, considerando os princípios constitucionais e convencionais e os dispositivos constantes no ECA e, no contexto da Política Nacional da Assistência Social, é elaborado o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (PNCFC) e, em 2008, são redigidas as Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e

Adolescentes. Esses documentos, aprovados em 2009 pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), propõem novos parâmetros para nortear e regulamentar os serviços de acolhimento para crianças e adolescentes no País.

Dentre as orientações, esses documentos reafirmam a importância da provisoriedade e da excepcionalidade do acolhimento para crianças e adolescentes de ambos os sexos (seja institucional, seja familiar), sob medida de proteção, inclusive crianças e adolescentes com deficiência e em situação de risco pessoal e social – cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção.

O acolhimento institucional acontece em diversos tipos de equipamentos (abrigo institucional, casa-lar, casa de passagem, residência inclusiva), destinados a crianças e adolescentes com vínculos familiares rompidos ou fragilizados, a fim de garantir sua proteção integral. Sua organização deve garantir privacidade, o respeito aos costumes, à tradição e à diversidade de ciclos de vida, de arranjos familiares, de raça/etnia, de religião, de gênero e de orientação sexual.

Segundo as Orientações Técnicas, as instituições devem funcionar em unidades inseridas na comunidade com características residenciais, oferecendo ambiente acolhedor e estrutura física adequada, tendo em vista o desenvolvimento de relações mais próximas do ambiente familiar. As unidades não devem distanciar-se excessivamente – do ponto de vista geográfico e socioeconômico – da comunidade de origem das crianças e adolescentes atendidos, oferecendo condições de habitabilidade, higiene, salubridade, segurança, acessibilidade e privacidade.

Os grupos de crianças e adolescentes com vínculos de parentesco – irmãos, primos, entre outros – devem ser atendidos na mesma unidade. O acolhimento será feito até que seja possível o seu retorno à família de origem (nuclear ou extensa) ou sua colocação em família substituta.

Em se tratando dos serviços de acolhimento familiar<sup>7</sup>, no Brasil, a prática social de acolhimento de crianças em famílias que não as de origem não se configura como algo novo, pois, ao longo da história, a prática de “circulação de

---

<sup>7</sup> Os serviços de acolhimento em famílias acolhedoras – ainda pouco difundidos no Brasil – encontram-se consolidados em outros países, especialmente na Europa e na América do Norte, além de contar com experiências exitosas no Brasil e na América Latina.

crianças”(FONSECA, 2004) vem ocorrendo de modo informal, constituindo uma cultura disseminada, principalmente, entre a população pobre.

No entanto, essa prática não é institucionalizada, ou seja, é uma parceria entre famílias. O acolhimento familiar de forma institucionalizada, isto é, com a mediação do Estado em sua realização, apresenta algumas ocorrências disseminadas pelo País, no decorrer de todo o século XX. Em São Paulo, é possível lembrando programa inaugurado pelo Juizado de Menores, em 1949, com o nome de Serviço de Colocação Familiar, cujo objetivo era evitar internações e garantir à criança o direito de viver em uma família “considerada estruturada” (FÁVERO, 1999, p. 76).

Com a efetivação, em 1990, do ECA surge uma nova compreensão da criança e do adolescente como sujeitos em desenvolvimento, que necessitam de cuidados de sua família, da sociedade, da comunidade e do Estado. Essa nova perspectiva legal é reforçada, ainda, com a ampliação do conceito de direitos e a viabilização de mecanismos que monitoram e obrigam o Estado e a sociedade ao cumprimento de suas responsabilidades na garantia e na efetivação daqueles direitos.

Os Serviços de Acolhimento Familiar têm por tarefa assumir a organização do recebimento em famílias acolhedoras – capacitadas e cadastradas – de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva (ECA, Art. 101), aplicada por autoridade competente, em função de abandono ou impossibilidade temporária de sua família para cumprir a função de cuidado e proteção.

Esse acolhimento deve ocorrer até que seja viabilizado o retorno dessa criança ou desse adolescente ao convívio de sua família (de origem ou extensa) ou, na impossibilidade desse retorno, o seu encaminhamento para uma família substituta, em adoção.

As famílias acolhedoras devem ser selecionadas, capacitadas e acompanhadas pela equipe técnica do Serviço de Acolhimento, a qual encaminha a criança/adolescente para inclusão nesse serviço, competindo-lhe a indicação da família que esteja disponível e em condições de acolhê-lo (BRASIL, 2009).

O acolhimento familiar deve propiciar atendimento em ambiente familiar, garantindo atenção individualizada e convivência comunitária, possibilitando a continuidade da socialização da criança/adolescente.

Do ponto de vista legal, assim como os serviços de acolhimento institucional, o Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora deve organizar-se segundo os princípios e diretrizes do ECA, especialmente no que se refere à excepcionalidade e à provisoriedade do acolhimento; ao investimento na reintegração à família de origem, nuclear ou extensa; à preservação da convivência e do vínculo afetivo entre grupos de irmãos; a permanente articulação com a Justiça da Infância e da Juventude e a rede de serviços.

A colocação de uma criança em outra família, estranha à sua, e por determinação judicial, não é um empreendimento simples. O que impõe, a essa modalidade de atendimento, a necessidade de um funcionamento rigoroso e de qualidade.

Segundo as Orientações Técnicas (2009), nos serviços de acolhimento para crianças e adolescentes, cada família acolhedora deve assumir uma criança/adolescente por vez, exceto quando se tratar de grupo de irmãos. Neste último caso, em se tratando de grupo de mais de dois irmãos, deverá haver avaliação técnica para verificar se o acolhimento em família acolhedora é a melhor alternativa, ou se é mais adequado o acolhimento em outra modalidade de serviço, como Casa-lar, por exemplo. A decisão fica a critério da avaliação da equipe técnica do programa, ou também da disponibilidade da família em acolher.

Ainda segundo as Orientações Técnicas (2009), dentro da sistemática jurídica, esse tipo de acolhimento é feito por meio de um termo de guarda provisória, solicitado pelo Serviço de Acolhimento e emitido pela autoridade judiciária para a família acolhedora previamente cadastrada. A guarda será deferida para a família acolhedora indicada pelo Serviço; terá sempre o caráter provisório e sua manutenção deve estar vinculada à permanência da família acolhedora no Serviço.

O termo de guarda deve ser expedido imediatamente à aplicação da medida protetiva, no início do acolhimento. Um processo de seleção e capacitação criterioso é essencial para atrair famílias acolhedoras com perfil adequado ao desenvolvimento de suas funções, possibilitando a oferta de um serviço de qualidade aos usuários. Para tanto, deve-se prever, minimamente, os seguintes passos: ampla divulgação, acolhida e avaliação inicial, avaliação documental, seleção, capacitação, cadastramento e acompanhamento.

Essa ampla divulgação deve contemplar informações precisas sobre os objetivos e os modos de operacionalização do Serviço, o perfil dos usuários, os critérios mínimos para se tornar família acolhedora, dentre outros. A sensibilização de famílias para a participação no Serviço como acolhedoras requer estratégia de divulgação permanente, realizada, em conjunto, pelo executor e órgão do governo municipal competente, que privilegie a clareza dos objetivos dessa modalidade de atendimento, que não deve ser confundida com adoção. O processo de divulgação também envolve a sensibilização de outros atores do Sistema de Garantia de Direitos para estabelecer parcerias de trabalho.

Segundo as Orientações Técnicas, tanto a acolhida, quanto a avaliação inicial, devem ser realizadas por equipe técnica multidisciplinar, qualificada e disponível para prestar os esclarecimentos necessários às famílias interessadas, de modo individual e/ou em grupos de familiares. Esse primeiro momento de interlocução possibilita, inclusive, a identificação de possíveis motivações equivocadas – como interesse em adoção.

É o momento em que as informações devem ser claras e objetivas, de modo a evitar mal-entendidos e poupar tempo e envolvimento emocional da equipe e dos pretendentes ao acolhimento. Deve também ser verificado se as famílias atendem aos critérios mínimos exigidos para a função, inclusive em relação ao desejo, à disponibilidade e concordância de todos os membros do núcleo familiar em acolher e participar dos encontros de seleção, capacitação e acompanhamento.

Quanto à seleção, após a avaliação inicial, as famílias inscritas como potenciais acolhedoras deverão passar por um estudo psicossocial, com o objetivo de identificar os aspectos subjetivos que as qualificam ou não para a participação. Essa etapa deverá envolver entrevistas individuais e coletivas, dinâmicas de grupo e visitas domiciliares, sempre utilizando metodologias que privilegiem a coparticipação das famílias, em um processo que inclua a reflexão e autoavaliação das mesmas.

É essencial que o grupo familiar participe do processo de avaliação e seleção, uma vez que todos os componentes do núcleo familiar devem estar de acordo e ser compatíveis com a proposta. Algumas características a serem observadas são: disponibilidade afetiva e emocional; padrão saudável das relações de apego e desapego; relações familiares e comunitárias; rotina familiar; não envolvimento de nenhum membro

da família com dependência química; espaço e condições gerais da residência; motivação para a função; aptidão para o cuidado com crianças e adolescentes; capacidade de lidar com separação; flexibilidade; tolerância; proatividade; capacidade de escuta; estabilidade emocional; capacidade de pedir ajuda e de colaborar com a equipe técnica; dentre outras.

Além da avaliação sobre compatibilidade com a função de acolhimento, o estudo psicossocial realizado pela equipe técnica deve indicar, também, o perfil de criança e/ou adolescente que cada família está habilitada a acolher. É importante, nesse processo, ouvir a opinião da família quanto a esse aspecto, ainda que durante o processo de capacitação essa avaliação possa modificar-se.

As famílias devem participar da capacitação. Tal processo deve ser desenvolvido com metodologia participativa, de modo dinâmico, por meio de oficinas e seminários, que podem ser conduzidos pelos profissionais da equipe do Serviço e por especialistas convidados (outros profissionais da rede, do Sistema de Justiça, etc.). Também é bastante recomendável que, durante o processo de capacitação, sejam feitas apresentações de experiências de famílias acolhedoras que já vivenciaram o acolhimento, assim como de famílias de origem cujas crianças/adolescentes foram acolhidos pelo Serviço e já retornaram ao lar, de modo a dar concretude à proposta.

O cadastramento acontece quando as famílias consideradas aptas a acolher devem formalizar sua inscrição no Serviço, com o preenchimento da ficha de cadastro, onde constam os documentos necessários, informações sobre toda a família e indicação quanto ao perfil de criança/adolescente que se julgam capazes de acolher. A documentação necessária deve ser encaminhada, pela coordenação do Serviço, à Justiça da Infância e Juventude, para que possa ser emitido, com presteza, o termo de guarda e responsabilidade, quando ocorrer o acolhimento de uma criança/adolescente pela família cadastrada.

Quanto ao acompanhamento, os serviços da rede de proteção à infância e juventude, especialmente o requerente do ingresso da criança no programa (Justiça da Infância e Juventude, Conselho Tutelar, Equipe de Supervisão e Apoio aos Serviços de Acolhimento, etc.), devem iniciar discussão do caso com a equipe técnica, antes que a modalidade acolhimento familiar seja a opção de proteção escolhida. Objetiva-se, com isso, traçar um trabalho em rede e de continuidade ao atendimento à criança e sua família.

O serviço é o responsável por selecionar, capacitar, cadastrar e acompanhar as famílias acolhedoras, bem como realizar o acompanhamento da criança e/ou adolescente acolhido e sua família de origem, referenciado ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas).

SEGUNDA PARTE

A PESQUISA: AS DIFERENTES PERSPECTIVAS DE CUIDADOS PATERNOS EM  
SITUAÇÃO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM  
PROGRAMAS DE ACOLHIMENTO

**Capítulo V**  
**A PESQUISA: PROCEDIMENTOS DE COLETA E DE ANÁLISE.**  
**OS SUJEITOS E O ESPAÇO DA PESQUISA**

*Os fatos empíricos isolados e abstratos  
são único ponto de partida da pesquisa.*

(LucienGoldmam)

A pesquisa de campo realizada objetivou construir uma investigação acerca da temática do cuidado de crianças em medida protetiva de acolhimento, tendo como referência a relação paterna. Para contemplar esse objetivo, analisamos as diferentes perspectivas de pais que tiveram seus filhos acolhidos – em Serviço de Acolhimento Institucional e em Serviços de Acolhimento em Famílias Acolhedoras – e de pais de famílias integrantes do Serviço de Famílias Acolhedoras do Município de Campinas.

Com este estudo, procura-se apreender o entendimento de cuidado expresso tanto pelos pais naturais das crianças e dos adolescentes acolhidos, quanto pelos pais das famílias acolhedoras – de forma que esses resultados possam contribuir para uma maior visibilidade em relação ao cuidado no contexto da medida protetiva de acolhimento.

Essa apreensão é norteada pela compreensão das novas configurações históricas e familiares que condicionam mudanças na prática e no entendimento do cuidado, o que evidencia a necessidade de superação dos paradigmas construídos nas relações, tanto das famílias tradicionais, quanto daquelas em transição – e, principalmente, no contexto das medidas protetivas de acolhimento.

A escolha dos sujeitos da pesquisa de campo teve por norte o interesse de realizar uma entrevista individual com dois grupos de sujeitos. O primeiro grupo é composto por pais, escolhidos propositalmente pelo seu exercício do cuidado de crianças e de adolescentes por opção pessoal – ou seja, participantes voluntários do serviço de famílias acolhedoras.

O segundo grupo é composto por pais cujos filhos foram atendidos em serviço de acolhimento institucional e familiar em razão de necessitarem de uma medida protetiva, o que, supostamente, significa que o cuidado não aconteceu.

A construção das entrevistas foi feita a partir de estudos documentais e pesquisa bibliográfica acerca do tema. As entrevistas individuais foram realizadas com quatro pais – dois de famílias acolhedoras e dois da família de origem de criança ou de adolescente em medida protetiva de acolhimento. Esses pais se dispuseram voluntariamente a contribuir para o estudo da questão.

### **5.1 A Coleta das Informações e sua Organização**

Na opinião de Minayo (1999), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. De acordo com Martinelli (2005, p. 117-127), os fundamentos da pesquisa qualitativa são:

o reconhecimento da singularidade do sujeito; e, reconhecimento da importância de conhecer o modo de vida do sujeito, a sua experiência social cotidiana. Com base em todos esses elementos, podemos afirmar que a finalidade última da pesquisa qualitativa é conhecer a experiência de grupo pesquisado e os significados que atribuem a tal experiência. A palavra chave da pesquisa qualitativa é compreender, razão pela qual neste tipo de abordagem não se valoriza apenas o dado, mas sim a história do dado, seu significado na experiência social do sujeito.

Para o preparo preliminar da pesquisa a ser realizada, fez-se um estudo bibliográfico sobre a família – em que se procurou recuperar a história familiar, do exercício da paternidade, situando o pai em uma perspectiva socio-histórica. Procurou-se, também, situar, a partir de bases filosóficas, o cuidado, o cuidado paterno e os direitos ao cuidado da criança e do adolescente.

A entrevista individual foi organizada de forma semiestruturada, com questões previamente elaboradas, compondo um roteiro norteador<sup>8</sup>, que conteve perguntas consideradas significativas. Com base nesse roteiro, foi realizada uma entrevista aberta,

---

<sup>8</sup> Anexo A.

flexível, de forma a possibilitar ao sujeito a iniciativa de incluir determinadas temáticas adicionais, que contivessem informações de interesse, as quais pudessem ter sido suscitadas no decorrer da entrevista. Previamente, foi solicitada a permissão, de cada sujeito, do uso de suas falas para este estudo - preservando o anonimato de cada um, para o que o nome de cada entrevistado foi substituído por outro.

O recurso utilizado para o registro das entrevistas individuais foi um gravador, que resguardou as falas dos entrevistados na íntegra. Na oportunidade, todos consentiram que esse recurso fosse utilizado.

A análise dos depoimentos e informações teve como ponto de partida uma leitura cuidadosa da transcrição dos depoimentos, buscando identificar as questões que emergiam, para uma classificação inicial do conteúdo.

As categorias de análise foram construídas previamente, com base em estudos bibliográficos realizados sobre as temáticas centrais desta pesquisa. Essas categorias, que compuseram o roteiro prévio da entrevista, foram: o significado de cuidados, o entendimento sobre o cuidado paterno, a história de cuidados familiares (ou de sua falta), a lembrança de cuidados paternos vivenciados, tipos de cuidados assumidos em relação a seus filhos ou às crianças ou aos adolescentes acolhidos em suas residências.

Nessa organização, foram definidos como unidades de conteúdo os parágrafos que correspondiam ao discurso relacionado a uma determinada categoria estabelecida, configurando, assim, os conteúdos a serem analisados relacionados àquele tema.

## **Capítulo VI**

### **O ESPAÇO NO QUAL A PESQUISA FOI REALIZADA**

Neste capítulo, é feita uma breve apresentação sobre os Serviços de Acolhimento Institucional e em Família Acolhedora -ConViver e Sapecca - do Município de Campinas (SP), espaços estes que tiveram grande repercussão relacionada à qualidade de sua prática e de sua experiência e que foram analisados durante a participação da pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente (NCA-PUC-SP). Essa repercussão é que suscitou o interesse em elegê-los como espaços privilegiados deste estudo.

O Sapecca está ligado à Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social, da Prefeitura do Município de Campinas. Previsto como colocação familiar, no art. 90 do ECA, tem por finalidade atender à criança e ao adolescente em famílias acolhedoras, como medida protetiva.

Esse serviço dá atenção especial ao atendimento da família de origem, objetivando viabilizar o retorno daquelas crianças e adolescentes ao seu lar original, de forma protegida.

O Sapecca é um dos mais antigos serviços de acolhimento familiar em funcionamento no País. Em sua trajetória, de mais de uma década, passou de serviço alternativo e inovador à modalidade de atendimento prevista na política pública, tornando-se referência para muitos profissionais e municípios. Atualmente, encontram-se muitos municípios nos quais esse tipo de serviço está em fase de implantação.

Foi no ano de 1996 que profissionais da área da assistência social do Município de Campinas – que desenvolviam um programa de apadrinhamento no, então chamado, Abrigo Municipal – preocupados com os desafios com os quais se deparavam, propuseram o estudo de uma forma mais adequada de prática. Em função dessa proposta, dedicaram-se à construção de um modelo operativo, considerado inovador conceitual e metodologicamente, de colocação de crianças e adolescentes – em medida protetiva que indicava acolhimento pelo Estado – em famílias acolhedoras.

Os desafios postos por essa construção foram muitos. Um dos principais, que teve que ser enfrentado logo de início, foi o fato cultural de considerar a

institucionalização a primeira e única solução para determinadas situações de vulnerabilidade infantil e de adolescentes. Essa cultura estava impregnada, inclusive, nas ideias e nos debates dos profissionais.

A esses desafios, a equipe convencionou que a melhor resposta seria apresentar diferenciais significativos no serviço. Um dos diferenciais imprimidos foi o estabelecimento de um bom nível de qualidade, norteado pela preocupação permanente por realizar um trabalho efetivo de garantia de direitos de crianças e adolescentes sob sua responsabilidade, incluindo a utilização das leis e normas municipais como suportes para suas estratégias na exigência de direitos.

Outro, de vital importância, foi a introdução de um trabalho simultâneo de orientação e acompanhamento das famílias de origem e das famílias acolhedoras.

Outro, ainda, – que configurou umas das principais estratégias de ação política do Serviço – foi a ativação de uma rede participativa de atendimento, compondo grupos de trabalho com os diferentes setores e serviços existentes no território, para uma ação integrada de enfrentamento das questões postas em cada situação das crianças e adolescentes atendidos.

O ConViver é um serviço implantado pela mantenedora Associação de Educação do Homem de Amanhã (Aedha)<sup>9</sup>, em abril de 2006. Tem por tarefa promover o atendimento de crianças com idades até 18 anos, vítimas de violência doméstica – entre outros –, que foram afastadas temporariamente de sua família original. Tem sua origem direta no Serviço de Acolhimento Institucional da Aedha, tendo sido autorizado e previsto já em 2005.

Operacionalizado na sede da mantenedora, o ConViver implementa o previsto no Plano Nacional de Convivência Familiar e Comunitária publicado em 28/12/2006 e nas Diretrizes da Organização das Nações Unidas (ONU), de 2009, além do Plano Municipal de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária.

---

<sup>9</sup> A Aedha, fundada em 1965, é uma entidade não governamental, sem fins lucrativos, que tem como finalidade primordial favorecer, promover e incentivar a proteção e a educação de crianças e adolescentes, com vistas a seu futuro, procurando contribuir para que lhes sejam assegurados todos os direitos fundamentais determinados por lei.

O ConViver tem por objetivo proporcionar atendimento integral às crianças e aos adolescentes, em ambiente familiar provisório, favorecendo o rompimento do ciclo de violência e promovendo o desenvolvimento das famílias de origem, enquanto processa uma articulação com a rede de proteção social para seu retorno ao lar. O ConViver, desde sua origem, vem se articulando com o Sapeco.

Ao completar sete anos de atuação no município, está em ascensão. A cada dia, ampliam-se suas ações com as famílias acolhedoras e famílias de origem, e vem desenvolvendo também um processo de qualificação continuada de sua equipe.

Ambos os serviços - o Sapeco e o ConViver - têm por objetivo contribuir para a reconstrução de vínculos familiares e comunitários, a defesa dos direitos de crianças e adolescentes em medida protetiva de acolhimento, o fortalecimento das potencialidades e aquisições, e a proteção de famílias e de indivíduos para o enfrentamento das situações de violação de direitos que determinaram a intervenção do Estado em suas relações familiares.

## Capítulo VII

### OS DEPOIMENTOS E SUA ANÁLISE

O material que subsidiou a análise aqui apresentada resulta da pesquisa de campo realizada em duas instituições que se configuram como Serviços de Acolhimento Institucional e em Famílias Acolhedoras do Município de Campinas. Esta análise tem por finalidade ilustrar – a partir de depoimentos pessoais de quatro pais (dois que tiveram seus filhos acolhidos e dois homens, pais voluntários, integrantes de famílias acolhedoras) – como os mesmos apreendem o cuidado enquanto exercício, tendo por base a sua história pessoal de cuidados. Tem por finalidade também compreender o significado por eles atribuído a esse exercício e perceber como relembram os momentos de cuidados paternos recebidos e praticados.

#### 7.1 As Diferentes Apreensões do Significado de Cuidado

Respostas dos pais à solicitação da pesquisadora: Qual é o significado de cuidado?

##### **Cuidador/pai por acolhimento/ Davi:**

Cuidado é um *pouco de tudo*. Para mim, *fisicamente, psicologicamente, é afeto*. Acho que cuidado é um pouco de tudo, está até na maneira de pegar (*tocar o outro*) [...] Demorou muito para eu entender o que é cuidado. [...] Na verdade é aquele caso: sempre tive uma família excelente, muito boa, só que eu era meio desligado da família. Pensava muito em futebol, muito em mim. Nunca ajudei minha família. Meus pais sempre falavam: Meu filho é excelente! Mas eu poderia ser melhor. Depois, que eu casei - conheci a M, tive meus filhos e comecei a entender. Deixava muito a família para jogar bola, beber cerveja com os amigos. Com o tempo, pensei que não era bem por aí, e comecei a entender o que é ter um filho e esse filho ser bem cuidado. Porque, você

vai olhando para atrás[...] mais de 40 anos,e eu fui entender. *Afeto e cuidado é tudo o que você for fazer... tem que tomar cuidado, tem que entender.*

### **Cuidador/pai por acolhimento/ Isaías:**

*Acolher... acolher uma criança, tanto a minha – natural– como a adotiva (aqui, no Projeto temporário)... vai desde estar com a mãe na época da gravidez até participar de todo o processo da gravidez como nos pré-natais. Depois, receber com amor a criança em si, e cuidá-la. Mesmo tendo um lado masculino, tenho que cuidar do lado materno, porque minha esposa trabalha fora. Então, eu vejo a função duplado cuidado no caso da família.*

*Tem também a parte financeira, que tem que ser feita. Uma parte tem que dar retorno à criança. Depois, o cuidado com a escola, com a parte espiritual, eu cuido desta parte, e eu acho que é a falta dela que está causando estes grupos, estes orfanatos e esses abrigos.*

*Eu tenho um filho de 25 anos, então, eu continuo ainda cuidando, acolhendo, tendo cuidado com ele, que ainda não se casou. Tenho também uma filha casada e cuido também do genro que agora é meu segundo filho.*

### **Cuidador/pai de criança acolhida/ Moisés:**

*Eu penso que o cuidar é ter amor pelas crianças, é ter amor pela família, não bater, não maltratar, sempre tratar bem, sempre andar com as crianças “para cima e para baixo” e dar apoio. Não deixar entrar no mundo do crime, não deixar roubar.*

*Para mim é isso que é o cuidado das crianças. Não deixar faltar na escola, não deixar passar fome, sempre estar mantendo as crianças limpas. Eu acho que é assim.*

### Cuidador/paide criança acolhida/Lázaro:

Cuidado já é uma palavra *mais amável*, não é? *Cuidar é gostar, cuidar é ficar junto, cuidar é permanecer sempre olhando o que as crianças fazem, o que as pessoas fazem. Cuidado é um símbolo do amor, na minha opinião. E ser mais cuidadoso com o que as pessoas estão fazendo, com o que a pessoa faz. Eu acho que cuidar é mais ou menos isso.*

A percepção do significado de cuidado, de forma genérica, universal—com base na singularidadedos relatos dos pais das famílias de origem e dos cuidadores/pais de famílias acolhedoras – por vezes, se identificacomo algo complexo “como um pouco de tudo”. Nesse “pouco de tudo”a identificação mais evidente do cuidado é com o amor, com o afeto. Esse amor se expressa, para cada um deles, em tempos diferentes e a partir de situações que estão evidentemente relacionadas ao seu modo de vida, à sua situação de classe, à sua situação de gênero, à possibilidade ou não de usufruir de sua juventude sem se responsabilizar por sua própria subsistência – o que faz com que a apreensão da necessidade de cuidar se manifeste mais efetivamente na idade adulta.

Davi, que despertou para o cuidado tardiamente, e que tornou o fato de ser cuidador quase que um modo de existência, diz:

*Para mim, (o cuidado) é afeto. Sempre tive uma família excelente, muito boa, só que eu era meio desligado da família. Pensava muito em futebol, muito em mim. Nunca ajudei minha família. Meus pais sempre falavam: meu filho é excelente! Mas eu poderia ser melhor. Depois, que eu casei - conheci a M, tive meus filhos e comecei a entender. Deixava muito a família para jogar bola, beber cerveja com os amigos....*

Explica o cuidado pelas emoções, percebe-as a partir de suas expressões como, por exemplo, o toque: “Acho que cuidado é um pouco de tudo, está até na maneira de pegar - tocar o outro”. Em sua fala, Davi faz referência à sua experiência enquanto pai e enquanto filho, faz uma autocrítica, considerando que poderia ser melhor. Deixa evidente que desenvolveu uma consciência crítica em relação ao seu modo de ser no passado e

comenta sua mudança de comportamento, exemplificando: *“É como olhar para trás, aos 40 anos e entender a importância de suas ações frente aos seus filhos”*.

Isaías -que não usufruiu de cuidados/afeto paterno, por ter sido submetido a uma relação predominantemente violenta, também despertou para o cuidado tardiamente (quando já era pai de crianças pequenas) -diz que o cuidado, para ele, significa basicamente *“receber com amor a criança em si, e cuidá-la”*.

Em sua fala evidencia-se uma cultura na qual a divisão de gênero *“o lado masculino e o lado feminino”* preside a divisão de papéis no contexto da família – sendo que, em razão de necessidades, a mesma vem sendo superada em sua vida familiar: *“Mesmo tendo um lado masculino, tenho que cuidar do lado materno, porque minha esposa trabalha fora. Então, eu vejo a função dupla do cuidado no caso da família”*.

Ainda, Isaías acrescenta, no contexto de cuidados sob sua responsabilidade: *“O cuidado com a escola, com a parte espiritual, eu cuido desta parte...”*. Observa-se também que o provimento aparece como cuidado e fica implícito que este é dever e responsabilidade do homem: *“Tem também a parte financeira que tem que ser feita”*.

Moisés, um carroceiro que tem em sua história vivência na rua e passagem de completo descuido e abandono – passou fome, frio. Em suas palavras, teve uma vida que foi *“o pão que o diabo amassou”*. Tem uma companheira (mãe das crianças em medida protetiva), que foi a única mulher a quem se dedicou e da qual cuida por ter problemas psiquiátricos. Ele também relaciona o cuidado ao amor: *“Eu penso que o cuidar é ter amor pelas crianças, é ter amor pela família...”*.

Moisés relaciona também o cuidado com aspectos dos quais sentiu falta no decorrer de sua vida:

*Para mim (...) o cuidado das crianças é não bater, não maltratar, sempre tratar bem, sempre andar com as crianças ‘para cima e para baixo’ e dar apoio. Não deixar entrar no mundo do crime, não deixar roubar. Não deixar faltar na escola, não deixar passar fome, sempre estar mantendo as crianças limpas.*

Lázaro é um operário que teve, em sua vida, três uniões das quais resultaram filhos – aquele que estava em medida protetiva é de sua primeira união e, há muito, não sabia dele. Foi localizado pelo Conselho Tutelar, a partir de então, assumiu a guarda desse filho, após um processo de aproximações entre eles – até o momento da entrevista, a família que acolhera o seu filho compartilhava com ele os cuidados e, mesmo, as despesas do adolescente. Para Lázaro, “*Cuidado é um símbolo do amor*”. “*Cuidar é gostar*.” De sua experiência de vida – de sua ausência por longo tempo da vida de seu filho – depreende-se a preocupação, quando afirma

*... cuidar é ficar junto...” (...)* “*é permanecer sempre olhando o que as crianças fazem, o que as pessoas fazem. É ser mais cuidadoso com o que as pessoas estão fazendo, com o que a pessoa faz. Eu acho que cuidar é mais ou menos isso.*

Nessas análises, pode-se perceber que existe um alinhamento em relação ao significado de cuidado para esses homens- que é o sentimento do amor. O avanço do cuidado, por meio do afeto, do amor e do toque, rompe com o modo de ser da família tradicional (já tratado no primeiro capítulo), no qual o homem se responsabiliza pelo provimento da família e a mulher pelos cuidados.

## **7.2 As Diferentes Apreensões do Significado de Cuidado Paterno**

Respostas dos pais à solicitação da pesquisadora: O que você entende por cuidado paterno?

### **Cuidador/pai por acolhimento/ Davi:**

Na verdade eu não entendo como cuidado paterno. Acho que *tanto a mãe como o pai tem o mesmo papel*. Por exemplo, dar de mamar para a criança, *hoje tanto a mãe como o pai podem dar*, não a nível de amamentar mas de fazer uma *mamadeira, arrumar a cozinha...* Hoje,

eu faço isso. E a própria criança vai vendo. Nossos filhos, hoje, fazem a mesma coisa, porque viram a gente fazendo. [O pai] é um *exemplo*.

*Eu vejo o filho hoje como espelho do pai*, muitas pessoas dizem que não mas eu sim[...] Para você ter uma base, nós temos uma filha de 26 anos e meu filho tem 24. E a gente sempre abre o guarda-roupa e vê o que tem, doa para a igreja, ou doa para o vizinho, e a minha filha entrou neste ritmo desde pequena, fazendo a mesma coisa. E ela fala assim: Se um dia eu casar, eu quero ter um marido que nem o senhor[...]Então, isso daí tem a minha parte, *mas se eu não tivesse minha esposa que me ajudasse*, eu não seria assim, *é que eu me considero uma boa pessoa, um grande homem*.

### **Cuidador/pai por acolhimento/ Isaías:**

Nós não conseguimos, na minha educação, ver este lado (*carinho paterno*). Eu fui criado por mãe, meu pai se separou cedo e enquanto estavam juntos ainda eles brigavam tanto que já era uma separação. Depois, *cuidado pela mãe, ela virou pai e mãe*. Então, *esta referência eu também não tive. Buscando a parte religiosa, Jesus, Deus, mas é assim, buscando*. Minha família também é de origem humilde, de pais caseiros de fazenda e também mais mãe do que pai. *O pai na roça, a mãe mais em casa*. Então, para nós, *não tem esta diferença paterna*. A gente acaba acolhendo os dois lados, *embora eu saiba que a parte mais dura, vamos dizer, a disciplina, cabe a nós. A mãe é mais “mole”, fala ‘não’ primeiro para depois falar o ‘sim’ daqui a meia hora. A gente sabe que, de uma certa maneira, existe esta separação. Deus quis esta separação. Mas ela está difícil, no século XXI*. Então, para mim, *o cuidado paterno envolve os dois lados, embora eu saiba que a disciplina, a educação, cabe mais para mim*.

### **Cuidador/pai de criança acolhida/ Moisés:**

É. *Cuidar das crianças, não deixar bagunçado, não deixar ir para a rua. Eu acho assim. O que o pai deve fazer é dar disciplina para as crianças. E a mãe tem outros cuidados a zelar.*

### **Cuidador/pai de criança acolhida/ Lázaro:**

Cuidado paterno. Eu estou dizendo o meu pensar paterno. Independente de ser filho ou filha, *é uma coisa muito interessante, porque a maioria das pessoas pensa que, em uma família, quem cuida é só a mãe. Não é. O pai tem a maioria dos cuidados, a maioria do cuidado com o filho.* Porque o perigo de *machucar, de cair, de passar para outra fase*, assim de 4, 5, 6 anos, na escola, vê o que ele está fazendo, *com quem ele está andando, o que ele está aprendendo e isso é um cuidado também.* Porque o filho, *no meu modo de pensar, o que o pai faz*[reproduz o que aprendeu]. Porque a gente tem que tomar muito cuidado com esse cuidado paterno. *Se eu fizer coisa errada, ele pode fazer coisa errada também e eu não posso cobrar dele.* O cuidado tem que ser muito com essas coisas, porque *“o filho é a cara do pai”.* Quer dizer, *eu, pai, sou herói para ele.* Então, tem que tomar cuidado, *tem que ver o que a gente faz, o que a gente veste. Até em casa a gente vê um programa ruim e ele vê um programa ruim e se está fazendo coisa errada não pode cobrar dele. Então, cuidado paterno é mais preocupante do que para a mãe, porque o pai faz mais coisas erradas do que a mãe.* Mãe não, mãe é mais calma. Então, a gente tem que tomar cuidado. *Ser pai cuidadoso é mais difícil para o homem, com certeza.*

Com relação à percepção do cuidado paterno, todos os entrevistados consideraram como uma ação efetiva, que se identifica em alguns momentos como cuidado inerente à responsabilidade materna. Para essa responsabilidade, identificamos espaços específicos para o pai e para a mãe.

As referências ao cuidado paterno recebido aparecem de formas distintas: quando o entrevistado não vivenciou em sua infância o cuidado paterno, ele encontra esse cuidado em outros espaços e, assim, ressignifica sua experiência de vida.

Davi discorda inicialmente da diferenciação entre os cuidados paterno e o materno: atribuiu a responsabilidade a ambos, em todas as possíveis ações de cuidado, exemplificando:

*Na verdade eu não entendo como cuidado paterno. Acho que tanto a mãe como o pai tem o mesmo papel. Por exemplo, dar de mamar para a criança, hoje tanto a mãe como o pai podem dar, não a nível de amamentar mas de fazer uma mamadeira, arrumar a cozinha...*

Comenta que o filho é o reflexo do pai, constrói sua identidade a partir das ações vividas entre pai e filho: “*Vejo o filho hoje como espelho do pai [...] a própria criança vai vendo... Nossos filhos hoje fazem a mesma coisa... porque viram a gente fazendo [...] é um exemplo*”. Davi atribui à esposa a construção deste modo de ser pai, considerando que: “*[...] se eu não tivesse minha esposa que me ajudasse, eu não seria assim, é que eu me considero uma boa pessoa, um grande homem*”.

Isaías revela que a ausência de seu pai frustrou sua possibilidade de usufruir o cuidado paterno. Atribui à sua mãe o cuidado que recebeu durante sua vida. Considera que seu encontro com o cuidado paterno se deu através da religião, da fé e do encontro com um pai universal - Deus e Jesus: “*Eu fui criado por mãe, cuidado pela mãe, ela virou pai e mãe. Então, esta referência eu também não tive. Buscando a parte religiosa, Jesus, Deus, mais é assim, buscando...*”. Explica que não vivencia, em sua família, a diferença de gênero no que se refere a cuidados: “*para nós, não tem esta diferença paterna*”.

Logo após, afirma que ambos exercem os mesmos cuidados, porém comenta que existe uma idealização sociocultural em relação aos diferentes papéis atribuídos a homens e mulheres, sendo esperado do homem a disciplina e a educação:

*A gente acaba acolhendo os dois lados, embora eu saiba que a parte mais dura, vamos dizer, a disciplina, cabe a nós. A mãe é mais ‘mole’, fala ‘não’ primeiro para depois falar o ‘sim’ daqui a meia hora. (...) Então, para mim, o cuidado paterno envolve os dois lados, embora eu saiba que a disciplina, a educação cabe mais para mim.*

Observa-se que o ideal, nesta última fala, se identifica com o verificado na construção sócio-histórica da família no capítulo I, onde cabia ao homem a responsabilidade do cumprimento da lei e da disciplina e, à mulher, cabia a responsabilidade da garantia de relações afetivas, em que as emoções podiam ser manifestadas.

Moisés, que também apresentou, em fala anterior, a ausência de cuidados paternos em sua história de vida, entende que o cuidado paterno compreende, inicialmente, os cuidados básicos, como disciplina e controle. Diferencia o cuidado paterno do cuidado materno - fazendo a mesmo tipo da análise realizada pelo cuidador, pai por acolhimento, Isaías - onde a disciplina é dever do pai: *“Cuidar das crianças, não deixar bagunçado, não deixar ir para a rua. Eu acho assim... O que o pai deve fazer é dar disciplina para as crianças. E a mãe tem outros cuidados a zelar”*.

Para Lázaro, não existe diferença entre os cuidados dispensados ao filho e à filha. Observa que, socialmente, (a maioria das pessoas) pensa que o cuidado, em uma família, é exercido só pela mãe, e apresenta seu ponto de vista: afirma que não é assim, *“independente [do fato] de ser filho ou filha. É uma coisa muito interessante... porque a maioria das pessoas pensam que, em uma família, quem cuida é só a mãe. Não é. O pai tem a maioria dos cuidados, a maioria do cuidado com o filho”*. Quando especifica o que significa essa ‘maioria dos cuidados atribuídos ao pai’ pontua: *“o perigo de machucar, de cair, de passar para outra a fase na escola... vê o que ele está fazendo, com quem ele está andando, o que ele está aprendendo - e isso é um cuidado também”*.

Em sua opinião, o seu modo de ser pai é um exemplo para o filho:

*o que o pai faz... [o filho reproduz o que aprendeu]. Se eu fizer coisa errada ele pode fazer coisa errada também e eu não posso cobrar dele [...] porque “o filho é a cara do pai”. Quer dizer: eu, pai, sou herói para ele. [...] tem que ver o que a gente faz, o que a gente veste, até em casa a gente vê um programa ruim e ele vê um programa ruim.*

Atribui também mais preocupação e dificuldade no que se refere ao cuidado exercido pelo homem - pai, expressando uma diferença clara de gênero, onde a mulher é mais calma:

*Então, o cuidado paterno é mais preocupante do que o da mãe, porque o pai faz mais coisas erradas que a mãe. Mãe não, mãe é mais calma. Então a gente tem que tomar cuidado. Ser pai cuidadoso é mais difícil para o homem, com certeza.*

A presença da ideia sociocultural em que as responsabilidades da mãe (dona da casa<sup>10</sup>) se restringem ao mundo doméstico, ao cuidado das relações afetivas e à administração do que acontece no espaço da casa, ainda é muito forte, ainda que já tenha se afirmado como capaz de ações no mundo da rua.

Por outro lado, o homem, sem abandonar suas atribuições históricas de responsabilidade econômica e de provimento e, no mundo da casa, de autoridade (do cuidado como disciplinador, como pai herói) vem caminhando, cada vez com mais convicção, para o seu reconhecimento como cuidador afetivo.

Nesse processo de avanço da família em transição e contemporânea, os cuidados paternos também se expressam pelo afeto, pelo carinho, pelo compartilhar dos cuidados com a mãe. É de se notar que dois dos entrevistados trazem a ideia de homem enquanto espelho para seu filho, o que justifica a crítica quando um deles comenta que o homem faz mais coisas erradas do que a mulher.

### **7.3 História Familiar, Cuidado Vivenciado e a Falta de Cuidado Sentida**

Respostas dos pais à solicitação da pesquisadora: Na sua história familiar, que tipo de cuidado vivenciou e qual sentiu falta?

#### **Cuidador/pai por acolhimento/ Davi:**

Eu tive muita *vigilância em relação ao meu pai e à minha mãe*. Também, eu não “esquentava muito a cabeça”. Sempre meu pai e minha mãe cuidaram muito de mim. Meu pai sempre foi uma pessoa que... meu pai e minha mãe vieram para o mundo sem família. Meu pai

---

<sup>10</sup>O termo “dona da casa” é utilizado por Cinthia Sarti.

viajava muito, perdeu a família muito cedo, e minha mãe morava no Rio de Janeiro. Minha mãe sempre nasceu e morou no morro, viveu no morro quando meu pai a conheceu e a trouxe embora para São Paulo. Meu pai viajava, era “viajantão”. Meu pai ficou desligado da família muito tempo. Tinha um irmão que ele não gostava, faleceu sem gostar desse irmão, por conta de briga familiar depois da morte dos pais. E como eles tiveram uma infância meio conturbada, *não tinham aproximação dos filhos no sentido de dar carinho, de abraçar, dizer eu te amo*. Eles não tinham, *mas você via que eles gostavam*. Eu percebia isso, tanto que ele dizia: *“Olha, não faz coisa errada, Olha, cuidado, que horas você chegou ontem, por que, onde você foi?”*. Isso existia, *mas a questão de dar um abraço, falar eu te amo, dar um beijo na filha, dar um beijo no filho, isso não tinha*, mas mesmo após eu casar ele dizia que se *“precisar de mim a gente vai te ajudar”*. O problema era - *e eu não tenho dúvida nenhuma, em relação a esse afeto - de pegar abraçar, falar eu te amo, isso não tinha*.

Em relação ao que senti falta, senti um pouco, mas meu pai não foi responsável por nada, *acho que se eu também colaborasse mudaria até o perfil dele, o jeito de tratar*. Com certeza, tanto eu como minhas irmãs e meus irmãos.

### **Cuidador/pai por acolhimento/ Isaiás:**

A minha mãe acabou tendo um cuidado especial para conosco. Somos em quatro e ainda um de colo, aquela coisinha bem minúscula, mas ela cuidou no sentido geral. Então, pra mim, *o cuidado de pai não existiu*. Na minha história particular, *meu pai não existiu*. Houve em mim aquele sentimento de falar assim: *“Eu vou provar para ele como é. Quando ele for velho ele vai me ver como pai e se, eu puder, como avô/ Eu ainda não sou, eu vou mostrar como é”*. Hoje ele é avô e está conosco, está debilitado. *Então, eu tive este cuidado ao contrário. Não quero vingança porque ele não me cuidou, mas quero mostrar para ele o que é ser um pai*. Então, eu resumo desta forma. Já faz um ano que ele está conosco, debilitado, depois de todos estes anos longe. Agora, por

cuidado dele pessoal, por não ter quem cuidar, meu irmão e eu o acolhemos; tivemos que colocar ele em um quarto ali.

### **Cuidador/pai de criança acolhida/ Moisés:**

Eu vivi uma vida sofrida. Primeiro, eu não conheci minha mãe. *Meu pai bebia*, minha mãe morreu de tuberculose, e eu não a conheci. *Meu pai foi embora, me deixou no mundo. Uma luta, que antigamente o povo falava que - comia o pão que o diabo amassou.* Mas não! Meu pai teve problema e eu hoje era para ser um cara muito bem de vida.

*Eu acho que eu não tive cuidado dos meus pais, não tive uma pessoa para me dar apoio. Porque hoje eu sou analfabeto, hoje eu vivo de reciclagem, eu não posso entrar em um serviço porque eu não tenho leitura e se, hoje, eu for para a escola estudar, eu acho que não desenvolvo muito, que era para desenvolver antigamente. Só que hoje eu conheço tudo na vida. Trabalho. Eu sei o que significa o dinheiro e sei o que significa a vida. Mas sei que, como eu falei, foi muito sofrida - e está ainda.* Não está mais sofrida ainda porque eu encontrei a Assistente Social que tem me dado apoio, tem me ajudado. Abrigou meus filhos. Na época, eu não tinha aquele prazer de cuidar deles, eu só me importava com serviço para cuidar deles. Mas só estava cuidando do meu trabalho e não cuidando deles (filhos). Estava prejudicando eles. A assistente social “recolheu” eles - eles foram embora. Depois, novamente “recolheu”... e assim ela viu que eu tinha condição de novo e devolveu meus filhos e, assim vai! Agora, o zelo que eu não tive é o zelo que eu tenho que dar para meus filhos.

### **Cuidador/pai de criança acolhida/ Lázaro:**

Eu tive *três tipos de cuidado*. Eu tive um *relacionamento com uma pessoa*, fiquei mais ou menos dois anos e não deu certo. Nasceu o G e depois não deu certo, ela também não quis, então eu fiquei com ele. Ela

não quis cuidar porque não tinha condições, eu tinha mais condições que ela e eu fiquei com ele até os 2anos e 9meses.

Ela retornou à minha casa e pegou o menino, sem eu estar em casa, então, eu falei: "Você vai ficar com o menino? Vai cuidar dele?Então está bom". Ela sumiu com o menino. Que cuidado eu ia ter com o menino em uma hora dessa? Ela sumiu com o G, foi para outro Estado, foi para outra cidade e eu... meu Deus! Naquele tempo, eu trabalhava com montagem de eventos e estava um dia em cada cidade mas, com certeza, sentia falta dele. O tempo passa, a gente vai perdendo até o semblante da criança, a gente vai perdendo com o tempo. Você sabe que é seu filho, mas você perde. Então, nessa época, o que aconteceu?

Passou quatro anos e aí eu fui reencontrar ele aqui no Sapeca. Parei de trabalhar com eventos, comecei a trabalhar numa metalúrgica em Sumaré e foram na casa da minha mãe – eu morava sozinho – e ela deu o endereço da fábrica. Eles foram na fábrica e perguntaram: "É o Sr. que é o Sr. D?" Sim, sou eu; "Nós estamos aqui com seu filho G". Foi um baque na gente! É meu filho, é? Estava em Goiás, depois foi para Votuporanga, no estado de São Paulo. Estranho! Me chamaram para vir aqui no Sapeca. Nesse dia, saí mais cedo do meu trabalho, falei que precisava resolver um caso sério e vim pro Sapeca, dei meu nome, o nome da mãe e falaram: "É isso mesmo". Ela abandonou o filho! Você imagina? Ela tirou de mim, foi para outro lugar... se ela não tinha condições, por que não me procurou? Se me procurasse e falaria: "Eu não tenho condições de criar, você vai pagar pensão, vai fazer alguma coisa? Eu vou criar ele e você vai pagar pensão".É um direito dela e minha obrigação.Não, o abandonou na rua.É uma coisa grave isso. Abandonou assim, não sei com qual intenção. Se não pode cuidar da criança, tem pessoas que cuidam, e G tem pai.Se não tivesse o pai, tudo bem.Eu não sabia o que fazer.Vim aqui, marcamos um encontro, e o Sapeca (projeto em que o filho se encontra) explicou tudo o que aconteceu.E houve meu primeiro encontro. Você vê seu filho nascer, vive com ele até mais ou menos uns 2 anos e 8 meses, depois perde o foco por 4 anos e 2 meses, mais ou menos, sem ver... Depois, já vê ele andando, grande, com 6 anos de idade. É diferente pra gente! Eu

imagino que só acontece comigo essas coisas... Mas não: acontece com vários pais. Até pior! Tem gente que tem história pior que a minha, porque a minha história... ainda bem que não foi triste... ela teve um final feliz, graças a Deus!

Encontrei ele. O que falar? O que dizer? Até que uma coisa ele falou, ele perguntou: “Você que é meu pai?”, com seis anos. Sou seu pai sim. Chamei ele para conversar, saímos, soltamos pipa. Eu já imaginava que eu ia sair do lugar e ir embora para casa já com ele, mas foi diferente, foi um ano empatando. Foi duro para conseguir. Vinha na reunião de 15 em 15 dias para vê-lo, e depois ele passou para essa família acolhedora, que é a família do R, que nós temos contato até hoje. O G está com 15 anos já. Está enorme, grande!

E ele vai nessa família que trata ele como filho ainda; a gente tem bastante amizade, a gente troca várias experiências dos filhos e é legal, é interessante, não é?

Então, foi uma fase da minha vida que foi difícil, e que eu pensava que nunca ia passar – mas [foi uma fase] vitoriosa. Uma fase que eu fico feliz ! (Que nem: toda vez que tem pessoas fazendo pesquisas, eu estou pronto a atendê-las porque é uma coisa que é muito boa). Porque a gente passou por uma fase na vida que a gente nem imaginava! E ainda bem que teve um final feliz! E aí, a mãe também, depois de um tempo, sumiu de novo, não sei porque. Aí eu casei de novo no papel, tenho uma outra família tenho mais dois filhos nessa família e o mais velho “achegou” nessa família e foi recebido bem: minha esposa cuidou dele desde os seis anos - ele está com 15 agora. Para mim, lá em casa, todo mundo é irmão, ninguém trata o outro com diferença. Nessa semana ele disse: “Pai, quando eu tiver 18 anos, eu vou atrás da minha mãe”. Aí minha esposa falou: “Vai atrás da sua mãe, mas ela...”.E ele disse:“Eu sei que é você que é minha mãe, mas eu tenho minha mãe verdadeira. Só quero saber o que aconteceu com ela”. A gente conta, mas ele quer saber, as pessoas querem “saber da boca” o que aconteceu. Ele diz: “Quando eu fizer 18 anos eu vou atrás dela, vou conversar com ela, mas não vou morar com ela, vou morar aqui porque aqui é minha família. Você que é minha mãe, não é ela”.Eu já vejo assim: que bom que ele se

adaptou à família, ele sozinho se adaptou. Lógico que a gente teve o carinho, teve o amor porque a minha família era de um jeito e ele chegou do outro. Até adaptar dentro daquela família foi difícil. Mas ele adaptou certinho e hoje ele é o maior dentro da casa, ele tem 15 e os outros são pequenos. Ele está trabalhando porque quer. Então, graças a Deus eu consegui, porque, às vezes, a gente pensa que fracassou e eu ia fracassar a vida inteira... não é assim? Nada como um dia “atrás” (após) do outro. Eu tive falhas, eu errei, mas eu consegui ter uma família digna depois de uma fase terrível. Só o A e o pessoal do Sapeca para ver. “Hoje eu sou uma família feliz”.

O cuidador, pai por acolhimento, Davi, em sua história de cuidado, inicialmente, afirma o cuidado como algo que ocorreu de forma satisfatória: *“Eu tive muita vigilância em relação ao meu pai e à minha mãe... meu pai e minha mãe cuidaram muito de mim”*. Após justificar as dificuldades socioeconômicas e emocionais dos pais é que consegue relatar que sentiu falta do abraço, do afeto, do amor expresso em palavras como “eu te amo”, em beijos e outras demonstrações de carinho.

Assim que realiza essa crítica relata que entende que o afeto-sentimento acontecia por meio dos conselhos dados por seus pais para que ele não fizesse nada de errado, de como proceder diante de situações e que, ambos – pai e mãe – o ajudariam sempre que fosse necessário:

*[...] não tinham aproximação dos filhos no sentido de dar carinho, de abraçar, dizer eu te amo... Eles não tinham, mas você via que eles gostavam. Eu percebia isso, tanto que ele dizia: ‘Olha, não faz coisa errada, Olha, cuidado, que horas você chegou ontem, por que, onde você foi?’, Isso existia, mas a questão de dar um abraço, falar eu te amo, dar um beijo na filha, dar um beijo no filho, isso não tinha, mas mesmo após eu casar ele dizia que se ‘precisar de mim a gente vai te ajudar’. O problema era, e eu não tenho dúvida nenhuma, em relação a esse afeto de pegar abraçar, falar eu te amo e não tinha.*

Mais uma vez, quando se faz a pergunta do que ele sentira falta, Davi, com certa dificuldade, ensaia dizer algo e termina por se responsabilizar por não haver colaborado para uma aproximação afetiva com seu pai: *“Em relação ao que senti falta...”*

*sentí um pouco... mas meu pai não foi responsável por nada, acho que se eu também colaborasse mudaria até o perfil dele, o jeito de tratar. Com certeza, tanto eu como minhas irmãs, meus irmãos...”*

Isaías relata que não recebeu cuidado paterno e sim materno: “A minha mãe acabou tendo um cuidado especial para conosco. Somos em quatro [...] ela cuidou no sentido geral. Então, para mim, o cuidado de pai não existiu. Na minha história particular, meu pai não existiu”. Manifestou indignação quanto a essa falta importante, através do desejo de ser diferente, de fazer diferente... Em alguns momentos, diz que desejaria que o pai pudesse observar, através das ações dele, o que é o cuidado paterno e tivesse ideia de sua importância. Não como vingança, mas como uma devolutiva do que ele próprio sentira por sua ausência:

*Houve em mim aquele sentimento de falar assim: Eu vou provar para ele como é. Quando ele for velho, ele vai me ver como pai e se, eu puder, como avô. Eu ainda não sou, eu vou mostrar como é. Hoje ele é avô e está conosco, está debilitado. Então, eu vivi este cuidado ao contrário. Não quero vingança porque ele não me cuidou, mas quero mostrar para ele o que é ser um pai.*

Este desejo se concretiza pois, hoje, Isaías cuida não apenas de seu pai mas cuida de seus filhos da maneira como gostaria de ter sido cuidado. Na sua fala, o entrevistado denominou como ‘cuidado ao contrário’ o fato dele, em lugar de vivenciar o papel de sujeito do cuidado paterno, vivenciou o papel de cuidador do pai, do realizador do cuidado – o que, para ele, teve o sentido de uma ressignificação da falta de cuidado recebido, pelo exercício do cuidado oferecido: “Já faz um ano que ele está conosco, debilitado, depois de todos estes anos longe. Agora, por cuidado dele pessoal, por não ter quem cuidar, meu irmão e eu o acolhemos”.

Moisés, em sua história de vida, revela que vivenciou momentos difíceis de total falta de cuidados paterno e materno e, como produto disso, em sua condição - enquanto cuidador - tenta diariamente romper com essa experiência exercendo o cuidado de seus filhos:

*Eu vivi uma vida sofrida. Primeiro, eu não conheci minha mãe. Meu pai bebia e minha mãe morreu de tuberculose, e eu não a conheci. Meu pai foi embora, me deixou no mundo. Uma luta, que... antigamente o*

*povo falava que –‘comia o pão que o diabo amassou’. Mas... não! Eu acho que eu não tive cuidado dos meus pais, não tive uma pessoa para me dar apoio. Por isso, hoje eu sou analfabeto, hoje eu vivo de reciclagem: eu não posso entrar em um serviço porque eu não tenho leitura e se, hoje, eu for para a escola estudar, eu acho que não desenvolvo muito, [não desenvolvo o] que era para desenvolver antigamente.*

As dificuldades socioeconômicas continuam e - devido também às consequências dessas dificuldades - culminaram no acolhimento institucional de seus filhos por duas vezes. Refere-se à superação e ao apoio financeiro e social de uma profissional do serviço social que, mesmo com todas as dificuldades básicas da família, observou que o vínculo familiar estavamantido e que havia necessidade de apoio para o não rompimento do mesmo:

*Só que hoje eu conheço tudo na vida. Trabalho. Eu sei o que significa o dinheiro e sei o que significa a vida. Mas sei que, como eu falei, foi muito sofrida – e está ainda. Não está mais sofrida porque eu encontrei a assistente social que tem me dado apoio, tem me ajudado. Abrigou meus filhos. Na época, eu não tinha aquele prazer de cuidar deles, eu só me importava com o serviço para cuidar deles. Mas só estava cuidando do meu trabalho e não cuidando deles (filhos). Estava prejudicando eles. A assistente Social ‘recolheu’ eles - eles foram embora. Depois, novamente “recolheu” e, assim, que ela viu que eu tinha condição de novo, devolveu meus filhos e... assim vai! Agora, o zelo que eu não tive é o zelo que eu tenho para dar aos meus filhos.*

Embora o ECA preconize que a falta de recursos financeiros não caracteriza motivo para o acolhimento de crianças e adolescentes como medida protetiva, observa-se que parte das crianças e adolescentes que hoje está acolhida nos Serviços de Acolhimento Institucional e em Famílias Acolhedoras é oriunda de famílias que passam por diversas dificuldades, dentre elas, a dificuldade econômica, ou produto dessa dificuldade.

E outra questão que concorre para que seja necessário o acolhimento institucional e familiar como medida protetiva, é a falta de políticas públicas que viabilizem um espaço educativo e de cuidados, em período integral, de forma que pais e mães tenham condições de trabalhar para o sustento da família, enquanto seus filhos estão sendo cuidados.

Mesmo quando os pais podem contar com o apoio dos programas de transferência de renda e de outros serviços da assistência social, o montante de repasse não atinge o necessário para o atendimento das necessidades básicas da família.

Já o cuidador – pai de criança acolhida – Lázaro não respondeu à pergunta sobre sua própria história de cuidado recebido e da possível falta de cuidados. Lázaro conta sua história de cuidado em relação ao filho e fala da surpresa que sofreu quando recebeu a informação de que o menino havia sido abandonado por sua mãe, enquanto Lázaro, sem contato, entendia que ele estava bem cuidado.

Sua indignação, pelo fato de não saber o que estava acontecendo ao seu filho e de conhecer o comportamento de abandono por parte de sua ex-companheira, foi algo que teve de ser superado, em um processo que demandou tempo e esforços emocionais entre pai e filho. Esse processo foi acompanhado e apoiado pelo trabalho cuidadoso do Sapec que procurou resgatar e fortalecer seus vínculos com seu filho, no tempo necessário e seguro para a família.

Relembrar os cuidados e as faltas de cuidados vivenciados nas histórias familiares não foi um momento fácil para todos os cuidadores. Durante as entrevistas, todos tiveram momentos de pausa, de respirar fundo e continuar a falar. Ficou claro que, tanto o cuidado como a falta, marcaram ambos de forma significativa, causando ainda alguma dor – expressa em olhos embargados de lágrima – e também alguma alegria também manifestada através da emoção.

A importância atribuída ao cuidado também se manifestou no empenho dos diversos sujeitos desta pesquisa em exercer um modo de ser cuidador diferente ou de superar, de avançar, em relação ao modo de cuidado recebido. Os momentos de crítica foram marcados por análises que buscavam, em suas histórias de vida, uma compreensão que justificasse, histórica, econômica, ou socialmente, aqueles momentos, e apontassem para avanços no que se refere a cuidados paternos em seu meio familiar.

#### **7.4 Lembranças Importantes do Cuidado Paterno**

Respostas dos pais à solicitação da pesquisadora: Conte algum momento em sua lembrança em que o cuidado do seu pai foi importante.

**Cuidador/pai por acolhimento/Davi:**

*E isso aí também eu me lembro como se fosse hoje. Nossa! Doeu por fora, mas fez um bem que você nem imagina! Foi no dia em que eu apanhei do meu pai, ele sabia porque estava me batendo, eu sabia porque eu estava apanhando e minha mãe e meus irmãos não sabiam. Ele batia, a minha mãe tentava impedir e falava: “Não bate no menino, coitado do menino...” Eu sabia, mas eu apanhei. E eu até agradeci ao meu pai por ter me batido, porque senão, não tinha me controlado. Nunca mais esqueci, nunca! Ainda bem que eu apanhei (Risos). Mas foi levinho.*

**Cuidador/pai por acolhimento/Isaías:**

*Não teve. Não quero aqui ficar como vítima, mas não teve. Desde que me conheço sempre foi briga. Particularmente, você apaga [você esquece]. Houve brigas até para lavar a louça. A gente ajudava a mãe e ele batia em nós e na minha mãe porque isso era trabalho de mulher. Quando, na verdade, a gente entendia que era uma ajuda. Minha mãe trabalhava fora. Nós não víamos isso como feminismo. Então não houve...Infelizmente, não.*

**Cuidador/pai de criança acolhida/Moisés:**

*Não. Eu tive o cuidado do meu pai de criação. A minha mãe de criação cuidou de mim, foi uma pessoa muito boa. É a J. E eu vim embora de lá porque o meu padrasto era um carrasco, batia muito em mim, por isso*

*que eu a abandonei e vim embora. Vim para o mundo e ganhei o mundo. Vim para a cidade de Campinas arrumar um serviço. Primeiro, eu arrumei uma mulher - só que não tinha condição para tratá-la. Aí eu vim para a cidade. Sofri, fui para a cana (cortador de cana), trabalhei na cana e foi uma luta para mim. Mas eu já participei de muita coisa e entrei no mundo do crime. Já roubei, já “fumei droga”, já bebi cachaça - era “beberrão”, cachaceiro. E hoje eu posso falar que eu tenho uma vida liberta, porque quem me libertou foi a fé em Deus, porque Deus é a única solução da minha vida. Porque eu estou com 48 anos e, para eu estar vivo até agora, para passar pelo que passei, só [com a ajuda de] Jesus mesmo. E agradeço à assistente social que me ajudou e tem me ajudado até hoje. Dou graças a Deus, que a colocou no meu caminho - porque eu não falo mal, só tenho que falar bem delas. *Que meus filhos... se estivessem comigo, se não tivessem sido ‘recolhidos’, meus filhos não estariam estudando. Eu tenho para mim que meus filhos não estavam adiantados como agora estão.* E, agora, é fazer para eles não voltarem para o abrigo e estar sempre se apegando com Deus. Fui para igreja, larguei o vício, Deus me libertou de tudo quanto é mal. Hoje eu tenho muito apoio dos meus vizinhos. Eu saí para o mundo e hoje eu sou até aleijado, porque eu só sabia trabalhar ... mas aquele trabalhar que a Sra. sabe... pegar coisa dos outros... desejar mal para os outros, fiz muita coisa errada. Mas Jesus me libertou.*

### **Cuidador/pai de criança acolhida/Lázaro:**

*Faz muito tempo já. Eu, na época, tinha aproximadamente 16, 17 anos, eu sempre morei em Campinas. Nasci e fui criado aqui. E a gente morava num bairro de Cohab, era um bairro muito perigoso, muito terrível. Naquele tempo, não era muito o tráfico de droga, era mais roubo, assassinato. Então, o cuidado que meu pai teve com a gente - meu pai a minha mãe também - foi não manter a gente na rua. Assim: todo mundo brincava com a gente, porque ia dormir 7, 8 horas da noite. Nesta hora, minha casa já estava apagada, e todo mundo já estava*

dormindo - a gente acordava cedo. Sou mais de ficar de dia na rua do que à noite. *Então, foi o cuidado que meu pai, que minha família, teve conosco.* Essa coisa [esse cuidado] que aconteceu, passou para nossa vida até hoje. Meus filhos não saem para rua, os filhos da minha irmã não saem para a rua. Eu até falo: Você não vai jogar bola? Tem uma quadra esportiva em frente à nossa casa. Mas meus filhos falam: “Não pai não tem nada que presta lá”. Eles não ficam na rua, o filho do meu outro irmão também; eles não ficam na rua. Então, foi o cuidado que meu pai passou muito bem para a gente. Porque minha casa é pequena, nós somos em 4, 5, com minha esposa, e 3 filhos e não saímos.

Assim, já viu aquelas famílias que ficam na rua o dia inteiro, andando de carrinho? *Meus filhos andam de carrinho na calçada, mas da calçada para o asfalto é difícil, difícil mesmo. O portão fica aberto, eles não saem. Os amiguinhos vão brincar em casa, eles vão brincar na casa deles, mas na rua não.* Porque, lá no bairro, tem um problema que é muito grande, é perigoso por causa dos carros. As crianças ficam na rua com carro[...] *Eu sou assim, foi o cuidado que eu tive no passado.*

A principal lembrança de cuidado do entrevistado Davi, foi um momento em que apanhou de seu pai. Entende que, mesmo com as tentativas de sua mãe para que a violência não acontecesse, o mesmo sentiu-se cuidado porque estava diante de um fato errado que praticara. Inclusive, Davi admira o comportamento de correção do pai através da violência, que considerou levinha, como disciplina, e colaborou para a mudança de seu comportamento considerado ruim:

*Doeu por fora, mas fez um bem que você num imagina! Foi no dia que eu apanhei do meu pai, ele sabia porque tava me batendo, eu sabia porque eu estava apanhando e minha mãe e meus irmãos não sabiam. Ele batia, a minha mãe, tentava impedir e falava: “Não bate no menino, coitado do menino...” Eu sabia, mas eu apanhei. E eu até agradei meu pai por ter me batido, porque senão não tinha me controlado. Nunca mais esqueci, nunca! Ainda bem que eu apanhei (Risos). Mas foi levinho.*

Para Isaías e Moisés, o cuidado não aconteceu. Ao contrário: Isaías relata que sofreu violência física e psicológica por ajudar sua mãe nos serviços de casa - ajuda esta que não era compreendida como coisa de homem, por seu pai. Observa-se, neste relato, mais uma importante influência cultural da antiga família tradicional e em transição. Na família em transição, o mundo doméstico pertencia somente à mulher e ao homem não cabia participar se não das decisões, quando lhe cabia a última palavra:

*Não teve [cuidados]. Não quero aqui ficar como vítima, mas não teve. Desde que me conheço sempre foi briga. Particularmente, você apaga. Houve brigas até para lavar a louça. A gente ajudava a mãe e ele batia em nós e na minha mãe porque isso era trabalho de mulher. Quando, na verdade, a gente entendia que era uma ajuda. Minha mãe trabalhava fora. Nós não víamos isso como feminismo. Então não houve...Infelizmente, não.*

Traços da então família em transição se apresentam nesta fala quando a mulher sai do trabalho doméstico e conquista o mercado de trabalho do antigo mundo da rua—“Minha mãe trabalhava fora” -,no entanto, essa transição não privilegiou a contrapartida masculina, apenas acrescentou mais horas de trabalho à sua jornada.

Moisés também relata não ter lembrança de cuidados paternos e sim de violência física por parte de seu padrasto. Faz referência à fé, a Deus e a Jesus como seus cuidadores, como grandes pais. Atribui, de partida, o termo “cuidado” ao pai de criação, pelo fato de ele ter assumido o papel, ainda que sendo (como afirma) um carrasco, motivando sua saída de casa:

*Não. Eu tive o cuidado do meu pai de criação. A minha mãe de criação cuidou de mim, foi uma pessoa muito boa [...]o meu padrasto era um carrasco, batia muito em mim, por isso que eu a abandonei, vim embora. [...]E agora é fazer para eles [meus filhos]não voltar para o abrigo e estar sempre apegado com Deus. Fui para igreja, larguei o vício, Deus me libertou de tudo quanto é mal.*

Mais uma vez refere-se aos cuidados recebidos por uma profissional de serviço social: “E agradeço a assistente social que me ajudou e tem me ajudado até hoje e graças à Deus colocou ela pelo caminho”.

Para Lázaro, a disciplina também foi uma lembrança de cuidado. O exemplo era o bairro onde a família residia - considerado perigoso - e o fato de seu pai não aceitar que os filhos permanecessem na rua, onde poderiam aprender o que não deveriam ou estar correndo risco físico:

*Morava num bairro de Cohab, era um bairro muito perigoso, muito terrível. Naquele tempo não era muito tráfico de droga, era mais roubo, assassinato. Então o cuidado que meu pai teve com a gente foi o cuidado - meus pais, a minha mãe também – foi não manter a gente na rua.*

O mesmo cuidado Lázaro reproduz em suas relações com seus filhos:

*Meus filhos andam de carrinho na calçada, mas da calçada para o asfalto é difícil, difícil mesmo. O portão fica aberto, eles não saem. Os amiguinhos vão brincar em casa, eles vão brincar na casa deles, mas na rua não. Porque lá no bairro tem um problema que é muito grande, é perigoso por causa dos carros [...] Eu sou assim, foi o cuidado que eu tive no passado.*

As lembranças de cuidados foram diversas, tendo alguns pontos de em comum entre os sujeitos entrevistados: Moisés relatou não ter recebido qualquer cuidado paterno, ao contrário, revelou ter sofrido violência física e psicológica. Isaías também relata violências física e psicológica, somadas à manifestação de machismo, por parte do seu pai - visto que as relações de gênero eram radicalmente divididas entre coisas de homem e coisas de mulher.

Em Davi, a lembrança de cuidado, embora também tenha sido de um episódio de violência física, elea entendeu e sentiu-se cuidado por seu pai, no sentido de exigência de disciplina, reforçando na figura do seu pai sua autoridade de manter a lei e a ordem e definir o certo e o errado. Já, em Lázaro, a proteção paterna apareceu como cuidados na linha da prevenção, na proteção em relação aos riscos inerentes ao mundo da rua, em um bairro considerado perigoso dado o grande número de carros em circulação.

## **7.5 Cuidando de seus Filhos na Sua Vez de Cuidar**

Respostas dos pais à solicitação da pesquisadora: Que tipo de cuidado assumiu frente aos filhos?

**Cuidador/pai por acolhimento/Davi:**

*Na verdade, demorou um pouco também para assimilar, porque eu estava naquele ritmo de solteiro ainda. Graças a Deus, eu casei com uma pessoa que dispensa comentários. Depois, foi passando e, quando você olha para trás... vai indo... mas demorou! Acho que, para mim, demorou uns cinco anos para cair a ficha. Mesmo porque eu tinha um círculo de amizades que não era o ideal. Não era ao nível de drogas, nada, era mais de bebida, de futebol. “Você olhava os amigos, aqueles solteiros, e você achava que era solteiro também. Depois eu falei: “E aí, pô, não é isso que eu quero para os meus filhos. Foi indo e eu comecei a me aproximar um pouco mais das minhas crianças, comecei a lembrar da minha história, que eu não tive muito carinho. Nossa!”. Mas demorou, acho que demorou uns cinco anos! A responsabilidade foi aumentando naquele espaço. E eu acompanhava minha esposa nas consultas médicas- porque ela também vem de uma família onde não teve muito cuidado, a verdade é essa. E, quando eu comecei namorar com ela, ela tinha até receio porque ela tem um tumor no cérebro - ela tem epilepsia. E quando a gente estava namorando, ela tinha receio de contar isso para mim. Um dia ela falou: “É algo assim, assim e assim”, e eu perguntei onde ela se tratava e ela respondeu que a mãe a levava no INSS. E eu tinha muito conhecimento porque eu vivia muito na cidade e no meio do pessoal. E tinha um doutor que se chamava O. F. e foi o médico que operou o J. quando ele teve um acidente. Falei: “Não, espera aí, eu vou te ajudar!”. Comecei a leva-lá ao médico, a acompanhá-la e nós fomos indo, fomos indo, fomos indo...E, a partir daquele momento, nós começamos namorar. Ela foi mudando, mudando...Assim, nós ficamos entre namorar e noivar quatro anos.*

Tanto que o pessoal nem acreditava mais na gente, no nosso casamento. No nosso casamento, não digo, mas de ficarmos juntos - porque o pessoal me via jogando bola na esquina e falava: “Esse daí não vai dar em nada” (Risos).

### **Cuidador/pai por acolhimento/Isaías:**

*Sempre acompanhei. Pude ver, estar presente nos cinco dias dos nascimentos. Tive a oportunidade de ver ainda envoltos em pano, com a sujeira normal de um parto. Então, foi um cuidado geral! Eu acompanhei tudo. Dar comida, trocar fralda... Tudo foi feito por mim com os cinco filhos! Não me arrependo nem um pouco! de jeito nenhum!*

### **Cuidador/pai de criança acolhida/Moisés:**

*Quando eu tive o meu primeiro menino eu disse: tenho que lutar para tratar dele. Trabalhar para sustentá-lo para ele não passar fome, graças a Deus meus filhos nunca passaram fome, sempre que a assistente social ia “recolher” meus filhos, nunca chegou a faltar comida para os meninos. Não deixo passar necessidade, não. Sou mais e passar [necessidades] do que eles. Eu não tenho dinheiro para dar a melhor comida para eles, mas passar fome [não]... Feijão e arroz na minha casa não falta.*

### **Cuidador/pai de criança acolhida/Lázaro:**

*Com todos os meus filhos, quando soube que [a mãe] estava grávida assumi o cuidado, ela, lógico! Primeiro cuidar da mãe. Mãe saudável terá um filho bom, saudável. E o primeiro cuidado é não deixar fazer muita coisa - é coisa de marido que faz tudo e não deixa a mulher fazer nada na gravidez. A dúvida que tive foi na educação deles. Graças a Deus meus quatro filhos, hoje, podem ser de uma classe mais pobre,*

*mas estão todos educados. Todos estudam, todos educados. A minha preocupação era essa porque, para sobreviver em um país como esse, que não é muito ruim, é bom que na situação que eles passam hoje tenham educação, porque se não tiver, eles não são nada e, se não gostarem deles, se eles não forem agradáveis com os outros, se não forem educados com as pessoas, se todo mundo não gostar deles, se eles não forem pessoas legais [...] não irão para frente... Então, foi essa a preocupação que eu tive com todos os meus filhos. Se você vê: meus filhos são todos educados, todos alegres, todos contentes. Ninguém fala palavrão. Nós somos de uma família evangélica, nós não fazemos qualquer tipo de coisa [errada]. Então, esse é o cuidado que nós temos.*

Davi faz uma autocrítica do início de sua ação, enquanto pai, referencia a esposa como a grande parceira na construção do vínculo entre ele e os filhos. Lembra-se de que a falta de carinho e de afeto que viveu em sua infância foi algo marcante e que não desejava o mesmo para seus filhos. Foi por este motivo, e com o apoio da esposa, que conseguiu superar e construir algo diferente para seus filhos. Considera que demorou longos cinco anos para começar a cair a ficha do seu comportamento de pai ausente:

*Na verdade demorou um pouco também para assimilar, porque eu estava também naquele ritmo de solteiro ainda. Você olhava os amigos, aqueles solteiros, e você achava que era solteiro também. Depois eu falei: “E ai pô, não é isso que eu quero para os meus filhos”. Foi indo e eu comecei a aproximar um pouco mais das minhas crianças, comecei a lembrar da minha história, que eu não tive muito carinho. Nossa! Mas demorou, acho que demorou uns cinco anos. A responsabilidade foi aumentando naquele espaço. E eu acompanhava minha esposa nas consultas médicas.*

Tanto Isaias, quanto Moisés e Lázaro assumiram - como cuidados de seus filhos - o acompanhamento gestacional da companheira. Para Isaias, assistiram ao parto, ajudar nos cuidados básicos - como a higiene e a alimentação - fizeram parte da atenção dispensada aos seus filhos. Isaias apresenta-se, com orgulho, como um permanente cuidador:

*Sempre acompanhei. Pude ver, estar presente nos cinco dias dos nascimentos. Tive a oportunidade de ver ainda envoltos em pano, com a sujeira normal de um parto. Então foi um cuidado geral! Eu acompanhei tudo. Dar comida, trocar a fralda. Tudo foi feito por mim com os cinco filhos! Não me arrependo nem um pouco! de jeito nenhum!*

Para Moisés, os cuidados ofertados por ele à mãe e aos seus filhos – talvez em razão de sua história de vida – foram basicamente ligados a não deixar faltar alimento – remetendo ao sustento e à garantia das necessidades básicas da família. Passar fome foi a sua primeira preocupação: a principal situação que cabia a ele evitar enquanto pai cuidador. Durante os processos de acolhimento institucional e em famílias acolhedoras, Moisés tem orgulho de afirmar que arroz e feijão nunca faltaram em sua casa:

*Quando eu tive o meu primeiro menino eu disse: tenho que lutar para tratar dele. Trabalhar para sustentá-lo para não passar fome, que graças a Deus meus filhos nunca passaram fome, sempre que a assistente social ia “recolher” meus filhos nunca chegou a faltar comida para os meninos. Não deixo passar necessidade, não. Sou mais eu passar do que eles. Eu não tenho dinheiro para dar a melhor comida para eles, mas passar fome [não]... Feijão e arroz na minha casa não falta.*

Lázaro conta sua lembrança de cuidado durante a gestação de seu filho. Após o seu nascimento, seu cuidado se centrou na educação, enquanto valor:

*Com todos os meus filhos, quando soube que [a mãe] estava grávida assumi o cuidado com ela, lógico! Primeiro cuidar da mãe. Mãe saudável terá um filho bom, saudável. É o primeiro cuidado é não deixar fazer muita coisa - é coisa de marido que faz tudo e não deixa a mulher fazer nada na gravidez. A dúvida que tive foi na educação deles. Graças a Deus meus quatro filhos, hoje, pode ser de uma classe mais pobre, mas estão todos educados. Todos estudam, todos educados. Se você vê, meus filhos são todos educados, todos alegres, todos contentes. Ninguém fala palavrão.*

A educação para Lázaro é um valor que transmitiu, propiciou e efetivou em sua atuação enquanto pai.

Observa-se que todos os entrevistados contam suas experiências enquanto pai e cuidadores de forma orgulhosa. O entendimento de cuidado perpassa desde a atenção à companheira durante a gestação, o cuidado durante o nascimento e o cuidado dos filhos nas diversas formas que é conhecido, relacionadas às necessidades básicas - como alimentação, saúde, educação -, sejam elas entendidas como expressões de afeto, de carinho ou de preocupação com sua segurança.

Ao analisarmos os cuidados com que esses pais sujeitos da pesquisa expressaram como assumidos em relação às suas famílias – companheiras e filhos – e ao compararmos às suas histórias de falta de cuidados recebidos durante sua vida, fica evidente que todos buscaram - cada um em seu tempo e dentro de suas possibilidades - superar as dificuldades que tiveram em face da violência e falta da demonstração de afeto para se tornarem pais melhores, mais cuidadores.

## **7.6 Lembranças de Cuidados com os Filhos**

Respostas dos pais à solicitação da pesquisadora: Conte algum momento que ficou em sua lembrança em que o cuidado com seu filho foi significativo.

**Cuidador/pai por acolhimento/Davi:** Em lugar de responder a esta questão em relação aos seus filhos, Davi respondeu em relação às crianças que acolheu. Em razão disso, sua fala encontra-se no próximo item.

### **Cuidador/pai por acolhimento/Isaías:**

*Quando eu estava trabalhando muito por causa dos meus dois primeiros filhos, vi minha esposa pedindo o RG, tirando xerox para matriculá-los na escola. Quando eu vi que eles já estavam com 6 para 7 anos e eu não me dava conta disso pelo tanto de trabalho, construção de casa e etc. Nesta parte, meus dois primeiros filhos sofreram um pouco porque até os seis anos eu não brinquei tanto com eles. Depois*

*disso, acordei e disse: Se Deus me der oportunidade de ter mais filhos vou acolher. A gente sempre teve vontade de adotar e se eu tiver mais filhos vai ser diferente. Menos trabalho, mais casa ou menos atividade esportiva da minha parte, particular e mais criança. E consegui ter mais três, fora o abrigo, fora as coisas da igreja também. E, agora, eu faço “coceguinhas”, guerra de travesseiros, a gente brinca e a gente cobra a escola e a gente consegue se ver todos os dias. Antes, eu os via uma vez na escolinha, agora a gente se vê todos os dias. Então, já faz 15 anos que eu consegui mudar a minha história de vida por este acordar. Os dois primeiros, não; eu fui acordar com eles já aos sete, seis anos, quando iam para a escola.*

*[O cuidado] era mais familiar: quando a gente ia trabalhar ficavam com parentes. Então, minha esposa falou que eu não vi eles crescerem, e que eles já estavam com seis ou sete anos. Eu estava trabalhando em dois, três serviços. Fazia bicos, fazia tudo. Então, eles estão com seis ou sete anos e daí? Eu não vi... Não vi! Você bateu várias fotografias, você estava ali, mas apenas em épocas de aniversário... Então, eu fui despertar há anos, com o nascimento da minha filha; houve uma coincidência: ao mesmo tempo em que eles estavam entrando na escola, [minha mulher] já estava na terceira gravidez... [Era a] pequena. Então, foi uma promessa que fiz a Deus - um pedido que fiz a Deus: que se ele me desse mais filhos eu cuidaria mais ainda, teria mais cuidado ainda, menos [preocupação com] dinheiro.*

### **Cuidador/pai de criança acolhida/Moisés:**

*Meus filhos gostam de mim, sempre me acolheram todos. E eles gostam sempre de brincar comigo, de sair comigo, porque eu brinco com eles dentro de casa. Não tem dinheiro para sair, então nós vamos para o campinho, saímos de charrete, de carroça. Assim, eles sempre gostam de sair comigo. Eles brincam de falar que estão batendo no outro, dando porrada, montam em mim de cavalinho! É um amor que eu tenho por minhas crianças! Eles me chamam de Pai, véio, cruch [bruxo], mas*

*é só na brincadeira! E é bom! Minhas crianças são muito boas! Meus filhos, eu não abandono nunca, pela fé que tenho em Deus!*

### **Cuidador/pai de criança acolhida/Lázaro:**

Um momento que me marcou foi quando eu saí para trabalhar. Eu e minha esposa trabalhávamos juntos em uma fábrica aqui em Campinas. Ficou o G e a menina (filha da esposa que ele assumiu, a B) em casa, ele já estava com nove anos e a B é dois anos mais nova do que ele. E a B e ele começaram a brincar sozinhos um com o outro e começaram a correr, um atrás do outro. A B é mais ágil, mais rápida e ela pulou a “muretinha”. Ele foi pular mas não conseguiu: bateu a perna na muretinha e caiu de ponta-cabeça, quebrou o braço e desmaiou. Ligaram para a fábrica e a V desesperou! Nós desesperamos! E fomos ao hospital onde o G foi internado. *Foi um momento grave que a gente passou, claro que uma quebra de braço tem uma cirurgia, um corte grande aqui e ele só tinha nove anos. E esse cuidado que nós tivemos nesse momento foi o mais marcante* porque, o que ia acontecer? Várias famílias, vários pais já iam brigar com a criança: Por que fez isso? Aquilo outro? Eu falei: *G, você pode ficar tranquilo: Você machucou, a gente vai fazer muita coisa. E ele perguntou: “Você vai brigar comigo?”. Não, não vou brigar. Só me conta o que aconteceu. E ele contou tudo certinho. Ficou internado dois dias. O tendão não estava mexendo...* Então, foi o cuidado que nos tivemos com ele. Ele me perguntou porque não estava mexendo os dedos, e nós explicamos. *Até essa família acolhedora foi ao hospital. Eles ficaram um dia... nós ficamos no outro... para você ver como é tudo junto. A gente divide todos os problemas que temos em casa. Até hoje, todos os problemas que a gente tem em casa a gente divide. Ele teve que tomar antibióticos, remédios... Teve que fazer cirurgia plástica. Quanto é? Vamos supor, 200, então, eu dou 100 (diz a família acolhedora). Aconteceu uma coisa, o G está com o tênis apertado, quando eu vou comprar, eles já vem com o tênis. O cuidado que a gente tem é esse aí. Eu vou matricular o G aqui no campo. Quanto é? Não. Deixa que eu pago. Eu falo um valor para*

ele e ele já paga! O G diz: *Eu tenho duas famílias, dois pais e duas mães. Foi um cuidado grande com ele. Foi um sofrimento grande para ele. Ele lembra até hoje. O primeiro a ser cuidado é ele.* E as pessoas falam: “Mas você tem um filho pequenininho”. Eu tenho um filho pequenininho, mas ele tem pai e mãe, uma família normal. Até a B é uma família normal porque peguei ela pequenininha, então ela não tem essas coisas.

*Se eu parar de cuidar dele e for cuidar dos meus filhos menores, que são crianças normais, eu o perco. Nós fomos levá-lo no médico - ele está com 15 anos no tempo dele, masele está com 12, 13 anos. Ele tem um atraso mental e afetivo também. E mais uma vez questionam: “Mas você cuida mais desse grandão”. Mas, se eu fizer ao contrário, eu perco ele mais na frente! Então, eu não posso deixá-lo, até ele se estabilizar.*

Isaías sente por não ter participado do que consideramos cuidados de seus dois primeiros filhos até os seis anos: brincar, organizar os documentos e matrículas escolares. Analisa que ele, nesse período, só pensava em trabalhar, fazer bicos para construir sua casa. Seu despertar acontece após seis anos enquanto pai – é quando seu cuidado paterno se volta para seus filhos, sua rede social e a Igreja que a família frequenta.

Compara o atual cuidado – quando brinca, faz coceguinhas – com o anterior, quando sua preocupação em cuidar centrava-se em adquirir dinheiro que lhe daria condições de segurança de uma casa para eles e seus filhos.

*Quando eu estava trabalhando muito por causa dos meus dois primeiros filhos, vi minha esposa pedindo o RG, tirando Xerox e matriculá-los na escola. Quando eu vi, que eles já estavam com seis para sete anos e eu não me dava conta disso pelo tanto de trabalho, construção de casa e etc. Menos trabalho, mais casa ou menos atividade esportiva da minha parte, particular e mais criança. E consegui ter mais três, fora o abrigo, fora às coisas da igreja também. E, agora, eu faço ‘coceguinhas’, guerra de travesseiros, a gente brinca e a gente cobra a escola e a gente consegue se ver todos os dias.*

Moisés lembra-se das brincadeiras em casa, da diversão que não pode ser externa - por motivos financeiros – e que acontecia em um campinho ou com os recursos

da própria família, como, por exemplo, andar de charrete – que é instrumento de trabalho do pai – ou brincar de cavalinho e lutar... E, orgulhoso, se considera querido pelos filhos, citando que, por vezes, é chamado de pai, de ‘véio’ [velho] ou de *cruch* [bruxo]:

*Meus filhos gostam de mim, sempre me acolheram todos. E eles gostam sempre de brincar comigo, de sair comigo, porque eu brinco com eles dentro de casa. Não tem dinheiro para sair, então nós vamos para o campinho, vai sair de charrete, de carroça. Assim, eles sempre gostam de sair comigo. Eles brincam de falar que estão batendo no outro, dando porrada, montam em mim de cavalinho. É um amor que eu tenho por minhas crianças. Eles me chamam de Pai, veio, cruch, [bruxo], mas é só na brincadeira! E é bom! Minhas crianças são muito boas! Meus filhos, eu não abandono nunca, pela fé que tenho em Deus!*

Já as lembranças de Lázaro têm centralidade em um episódio de cuidado médico com o filho, aos nove anos, que caiu e se machucou com certa gravidade, em um momento tenso para todos os familiares. Por essa época, o filho entendeu que sua “arte” poderia levá-lo a ser repreendido com bronca ou surra, enquanto que, por seu lado, o pai só se preocupou com sua saúde. O cuidado que ele tem com seu filho – que já foi acolhido em família acolhedora – vai além da preocupação por sua integridade física: existe uma questão cognitiva emocional que chama a atenção do pai.

Todas as suas dificuldades no exercício da paternidade são compartilhadas com a família que acolhera seu filho por um período. Ter em sua rede de apoio a família acolhedora é, para ele, muito importante no enfrentamento das dificuldades que surgem na relação entre pai– família e filho:

*G foi até internado. Foi um momento grave que a gente passou, claro que uma quebra de braço tem uma cirurgia, um corte grande aqui e ele só tinha nove anos. E esse cuidado que nós tivemos nesse momento foi o mais marcante.*

Os cuidados dos filhos lembrados pelos pais – sejam da família acolhedora, sejam da família de origem – foram muitos. Os pais se mostraram muito emocionados e marcados por uma sensação de exercício cumprido. Orgulhosos dos cuidados dispensados aos filhos – fossem eles seus próprios ou crianças acolhidas.

Os pais entrevistados comentam também que sofreram transformações no seu modo de se relacionar com os filhos, como uma tomada de consciência crítica, um despertar tardio para o cuidado paterno e para a preocupação constante de seu exercício – o qual se modifica constantemente nas experiências cotidianas e um aprendizado permanente, que os torna satisfeitos consigo próprios.

### **7.70 Cuidado da Criança e do Adolescente em Sistema de Acolhimento Institucional em Sua Família**

Respostas dos pais à solicitação da pesquisadora: Qual o cuidado da sua parte com a criança ou o adolescente que você acolhe ou já acolheu, que está sob o cuidado da sua família?

#### **Cuidador/pai por acolhimento/Davi:**

Na verdade, a faixa etária que a gente trabalha é de 0 a 4 anos. E, por enquanto, as crianças que nós acolhemos foram sempre recém-nascidas. Já é o nosso terceiro acolhimento. O primeiro, veio com 2 meses e foi embora com um 1 e 9 meses. O segundo, veio com 20 dias e foi embora com 4 meses, dia 23 de abril. E esse outro veio com 20 dias e fez 2 meses ontem. *Mas, eu, particularmente, dentro desta faixa etária, não tenho como contribuir muito, mesmo porque eu trabalho e minha esposa não. Então, ela fica mais tempo com ele. O que eu posso ajudar, por exemplo, é quando [a criança] está andando. O D. mesmo, já andava com um 1 e 9 meses, e eu saía com ele, ia assistir o jogo. Mas a criança, quando é de colo, é mais difícil, então é mais a parte da minha esposa. O que eu consigo fazer é isso: esquentar o leite, dar de mamar para a criança, trocarei já fico meio assim; eu faço mas fico meio inseguro, será que apertei demais a fralda, será que não? Mas a maior parte do tempo é ela [a esposa] que fica: dá remedinho, dá chazinho,*

*ela que fica e quando eu já posso brinco com eles.* Nossa! Ontem mesmo: a gente vai fazer um encontro de casais e foi um pessoal lá em casa fazer o convite. Aliás, eles já tinham feito o convite, mas não conheciam a gente. Foram lá para nos conhecer. Perguntaram: “Vocês frequentam a igreja?”. E eu respondi: “Eu vou ser sincero, não frequento não. Sou católico. Minha esposa vai à igreja - faz trabalhos na igreja, faz de tudo e minha filha leciona na catequese. Eu não vou porque eu gosto de assistir jogos, de ficar em casa... Até falo para ela: Se você quer ir vá, pode deixar a criança comigo. Eu fico [com a criança], mas eu não vou [à Igreja].

O pessoal foi ontem lá, olhou o bebê que acolhemos e perguntaram para minha esposa: “É seu neto?” e ela falou: “Não, não. Ele é do programa”, e eles questionaram: “Que programa?” e ela respondeu que era de proteção à criança. E minha esposa começou a explicar... “Mas não conheço esse Programa”. E ela explicou. O pessoal ficou abismado e falou “Eu não consigo fazer isso!”.

[...] *Nossa! Para mim, cada dia é um aprendizado, porque cada criança que você acolhe é diferente. Você vê uma criança, vê uma situação, toda hora você está lembrando daquilo. Você olha lá atrás e você vê que pode ajudar mais. Parece que por mais que você faça, não está bom. Você está com uma criança e, a partir do momento que você já fez tudo por aquela criança, você fala: “Agora ela vai para adoção. Pronto! Já cuidei dela e agora ela está indo para aquela família, graças a Deus”. Então você pensa: “Será que aquela família vai cuidar bem dela? Como será que ela está?”. E mesmo que venham outros, você se volta para aquele primeiro... Então, quer saber mais, fazer mais, ajudar mais... nunca está satisfeito! E você vê televisão e assiste a cada coisa! É duro!*

*Até me lembrei de uma história. Tinha uma criança que não chorava, então você leva a criança ao médico, ele enfia uma agulha nela, e a criança não chora! Você fica assustado com isso e aquilo não sai da sua cabeça. Eu sei que quando a criança chorou foi uma festa em casa. Teve esse acolhimento nosso, em que ficamos meio preocupados e ao mesmo tempo foi ótimo! Eu e minha esposa conversamos bastante, ficamos deduzindo e pensamos que a criança parece que se trancou*

*epensava: “Se eu chorar eu apanho”. [Depois soubemos que] o pai tinha 52 anos e a mãe 18 anos e queimavam a criança com cigarro. Nossa!Essa criança não chorava. Eu levei na Unicamp porque uns amigos, assistentes sociais, que conheço, disseram que lá havia médicos bons, pneumonologistas e era preciso fazer todos os exames na criança - que não tinha documento. Então [os médicos] fizeram os exames nele e foi nesse dia que nós ficamos assustados, porque ele levou injeção e não chorou (repete a história). Já, quando ele foi embora, minha esposa cuidara dele, dera remédio porque ele tinha problema no pulmão e, quando ele foi embora, minha mulher arrumou sua roupinha... A família que adotou,nós não conhecemos – porque, na fila de adoção tem gente que coloca restrições - porque não querem japoneses, isso ou aquilo - e essa família que adotou não tinha restrição nenhuma. Falaram que o menino tinha problemas de pulmão, mas que o médico já havia tirado todos os remédios dele: ele não tinha mais nada. A família que o adotou disse que nem parecia que o “moleque” tinha saído daquela casa.A avó tinha uma filha única que não podia ter filhos; tinham dez anos de casados... E, em relação a essa criança, sentimos muito porque já tinha sofrido muito - mas foi para uma família boa e que não tinha filhos. Minha esposa falou: “Nossa! A gente podia ter ficado com aquele menino!”. E eu disse:Mas nós temos dois e tem família que não tem nenhum. E ele saiu numa alegria!No dia que ele foi embora, acordou 3 horas da manhã e ficou fazendo barulho no berço. Minha esposa foi e colocou ele na cama, lá no meio de nós. Ele abraçava minha esposa e beijava, virava na cama e me abraçava. E no outro dia, às 8 horas da manhã foi embora. Parecia que ele estava agradecendo! Precisava ver que bonitinho! O D. foi uma coisa especial para a gente! O seu pai não queria que sua mãe tivesse esse filho e judiava dele...*

Depois veio o P. parece que a mãe dele, já deu ele na maternidade. Então, esse não teve problema de violência e esse foi para o Maranhão no mês retrasado. Tem uns casos que a gente pega que já leva no médico.Mas é um trabalho gostoso, que alivia!

### **Cuidador/pai por acolhimento/Isaías:**

Os dois que nós acolhemos tivemos o cuidado, foi geral, porque, por questão de horário, fui eu que vim aqui conhecer a criança. Depois, ao levar para casa, coincidentemente, minha esposa também não havia voltado do trabalho, então, fui eu que recebi a criança, juntamente com meus filhos. *E aí foi tudo: o trazer, o levar na escola, foi eu quem pediu a matrícula, os trabalhos da escola, os passeios.* Muitas vezes, a esposa não está disposta, está com problemas. *Então, os passeios sou eu que faço, sempre sou eu que faço. Incrível, né? Agora os passeios são meus.* Procuro saber o que a criança não tinha ainda e dar a ela aquilo que não tinha. Cinema, no caso do M., porque a R. é mais de colo, a gente procura dar mais atenção e alguns utensílios pessoais que ela não tinha. Então o cuidado foi neste sentido.

*Em relação às consultas médicas, era minha esposa que levava.* No caso, a gente tem um acompanhamento daqui [a instituição], eles levam ao médico. E quando a criança vem, ela já tem uma pré-agenda ou a mãe, ou aqui, ou o abrigo, já tinham marcado. Então, eles buscam, levam a criança até o médico e voltam com ela até sua casa. É um serviço, neste sentido, cômodo para nós, mas não precisamos mais que isso. Ele ficou um período conosco, não se machucou, só algumas arranhaduras de futebol, então veio a passeio. *As coisas de comprar que ele não tinha e também da R. que ela não tinha. Então, este é o sentido do meu cuidado.*

Davi nos conta sua lembrança enquanto cuidador participante de famílias acolhedoras, em que sua maior participação foi quando a criança já andava: conta que se sente inseguro ao trocar a fralda de uma criança menor e se preocupa se a apertou demais ou deixou-a frouxa.

Em sua experiência no exercício do cuidado, entende que não pode contribuir muito quando a criança é pequena, e logo explica o que consegue fazer – esquentar o leite e dar de mamar:

*Mas eu, particularmente, dentro desta faixa etária, não tenho como contribuir muito, mesmo porque eu trabalho e minha esposa não. Então ela fica mais tempo com ele. O que eu posso ajudar, por exemplo, é quando [a criança] está andando. O D. mesmo já andava com um ano e nove meses, e eu saía com ele, ia assistir o jogo. Mas a criança quando é de colo é mais difícil então é mais a parte da minha esposa. O que eu consigo fazer é isso: esquentar o leite, dar de mamar para a criança, trocar eu já fico meio assim; eu faço mas fico meio inseguro, será que apertei demais a fralda será que não? Mas a maior parte do tempo ela [a esposa] que fica, dá remedinho, chazinho, ela que fica e quando eu já posso brinco com eles.*

Os cuidados paternos diretos com bebês pequenos, na maior parte das vezes, acontecem algum tempo depois – visto que no início da amamentação os momentos de alimentação são com a mãe. É importante ressaltar que ser mãe ou ser pai não acontece assim que o bebê nasce: é uma construção que se desenvolve com o convívio.

Enquanto cuidador, Davi lembra-se de um acolhimento importante que marcou sua família: foi uma criança que havia sofrido violência doméstica e não chorava mesmo em situações onde se espera o choro, como, por exemplo, a tomar injeção. Essa preocupação com os possíveis traumas que a criança poderia estar determinando. Essa manifestação da criança mostra que o cuidado com o desenvolvimento emocional ultrapassava os cuidados básicos de alimentação e higiene.

*Até me lembrei de uma história. Tinha uma criança que não chorava, então você leva a criança no médico, ele enfia uma agulha nele, e a criança não chora! Você fica assustado com isso e aquilo não sai da cabeça. Eu sei que quando a criança chorou foi uma festa em casa. Teve esse acolhimento nosso que ficamos meio preocupado e ao mesmo tempo foi ótimo! Eu e minha esposa conversamos bastante, ficamos deduzindo e pensamos que a criança parece que se trançou e pensava: “se eu chorar eu apanho”.*

Isaías assumiu como cuidado o que considerou, de “forma geral”, desde o momento de conhecer a criança, recebê-la, passeios, regularização de documentos e levar à escola. Quanto às consultas médicas, quem levava era sua esposa.

*E aí foi tudo: o trazer, o levar na escola, foi eu quem pediu a matrícula, os trabalhos da escola, os passeios. Muitas vezes a esposa não está disposta, está com problemas. Então os passeios sou eu que faço, sempre sou eu que faço. Incrível né? Agora os passeios são meus.*

## **7.8 Questões não Presentes na Entrevista, Lembradas pelos Pais**

Respostas dos pais à solicitação da pesquisadora: Existe alguma questão que não esteve presente durante a nossa entrevista e que o Sr. gostaria de comentar?

### **Cuidador/pai de criança acolhida/Moisés:**

*O que eu quero falar é que tem muitos pais que são carrascos com os próprios filhos, não cuidam das crianças direito, abandonam os filhos, jogam os filho na rua. Porque eu não largar as crianças da gente? Eu mando um recado para os pais. Porque têm muitos pais que são muito desnaturados, que largam os filhos na rua e o que os filhos vão aprender? Roubar... fazer coisa errada... porque têm muitos que não estão “nem aí” para os filhos. Eu era para ser um pai assim, porque eu não tenho leitura, não tenho sabedoria nenhuma deste mundo. Falei: para que vou querer dar sabedoria para os meus filhos, para quê? Não, pelo contrário, pensei: já que eu não tenho, meus filhos terão para amanhã eles me ajudarem. Meu filho está com 14 anos, se eu deixar o meu filho no mundo da droga, no mundo do crime, e amanhã ou depois eu “cair numa cama”, eu vou ficar doente. No que meu filho vai me ajudar se ele está no mundo do crime? Ele vai acabar de me matar. Mas se eu levo ele agora no eixo, se eu levo ele no caminho, se um dia eu cair, meu filho vai tratar de mim. Por isso que tem que tratar dos filhos para eles tratarem da gente. Muitos pais estão largando os filhos na*

*cachaça, largando os filhos no mundo do crime, largando os filhos para o forró... qual o caminho que isso vai levar? Não vai levar a nada! Amanhã, depois, quem vai sofrer? O próprio pai. Quando os meus filhos estiverem todos grandes eu terei o prazer de sempre fazer alguma coisa para ajudá-los, porque eles vão me ajudar.*

### **Cuidador/pai de criança acolhida/Lázaro:**

*Em uma família quem educa os filhos dentro de casa é a mãe, porque o pai está no trabalho, está no estudo. Mas, independente [desta ideia] foi um estudo que fizemos: o pai tem que ter uma dedicação com a família, não igual à da mãe, mas diferenciada. O pai ele é o sacerdote da casa, ele é o pilar da casa. E a mãe é uma ajudante dele. O pai tem que saber qual a dificuldade de cada filho dentro da família e tratar cada filho dependendo da dificuldade de cada um. Tem um filho que é mais carente... tem um filho que é mais saído... tem um filho que é mais triste...Então, é a parte do pai cuidar dos filhos, tratar cada um de uma maneira diferenciada.*

O espaço para comentários foi oferecido para todos os entrevistados massamente os pais que tiveram filhos acolhidos é que manifestaram o desejo de complementar com algumas reflexões, valorizando o cuidado paterno. Nessas reflexões, Moisés manifestou sua indignação em relação aos pais negligentes, que abandonam seus filhos, que permitem o contato com o crime, estando, portanto, em risco social – risco este extensivo aos pais que, não tendo um filho bem cuidado, é por ele negligenciado.

Lázaro considera o pai uma figura central na família, compara-o ao “sacerdote”, situando-o como “pilar da casa”, nessa condição, lhe atribui diferentes papéis e situa-o em relação à figura da mãe – sua ajudante:

*Em uma família, quem educa os filhos dentro de casa é a mãe, porque o pai está no trabalho, está no estudo...o pai tem que ter uma dedicação com a família não igual da mãe, mas diferenciada... O pai ele é o sacerdote da casa, ele é o pilar da casa. E a mãe é uma ajudante dele.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação foi realizada a partir de questionamentos da pesquisadora relacionados à sua prática cotidiana profissional que se revelou como um instigante desafio: O estudo do cuidado como referência na relação paterna.

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma pesquisa inicial e a construção de um projeto de pesquisa com a hipótese das diferentes apreensões de cuidado, a partir da sua construção histórica, perpassando por suas transformações até as apreensões acerca do cuidado para quatro sujeitos.

Os resultados da análise apresentaram que o cuidado é uma potencialidade humana, comum aos dois sexos, e que depende de certas condições para se manifestar e desenvolver. Pais e mães podem cuidar, desde que as circunstâncias propiciem condições. Para que a potencialidade humana cuidadora, inerente a qualquer pessoa, se manifeste e se desenvolva, é preciso que haja espaços e possibilidades objetivas de sua efetivação.

A pesquisa de campo mostrou que os pais podem cuidar de seus filhos. Mostrou também que esses cuidados podem ter diferentes representações, seja de gênero, seja de vivências de cuidados (ou de não cuidados – de violência) na infância, seja de classes sociais, seja de culturas.

Os pais entrevistados, mesmo quando não receberam cuidados ou quando, ao contrário, o fenômeno da violência esteve presente em sua vida durante a infância, expressam não apenas sua possibilidade, mas, principalmente, seu desejo de cuidar.

Percebeu-se uma tendência de considerar a figura feminina (as mães) como partícipe na construção do cuidado paterno – alguns, como aquela que propicia o despertar tardio para o cuidado afetivo e, outros, como aquela que exerce um papel de apoio, de “ajudante” na tarefa de cuidar. Ficou evidenciada, na história da vida dos entrevistados, sua evolução em relação às diversas formas de cuidados e à possibilidade da manifestação do afeto, do carinho e das demonstrações de sentimentos, por meio do toque, do abraço, do beijo e de palavras de amor – mesmo quando o pai cuidador não recebeu tal cuidado de seus pais.

As manifestações de cuidados paternos se mostraram mais evidentes quando motivadas pela vivência de situações limite – como nos casos apresentados quando da ocorrência de determinação de medida judicial de acolhimento em famílias acolhedoras de seus filhos – em que as relações familiares e os vínculos foram fragilizados. Após um trabalho institucional direto com as famílias, envolvendo não só o Estado (através das instituições Sapeca e ConViver e a rede de serviços do Município de Campinas), mas também aliado às ações desenvolvidas por familiares, vizinhança e comunidade (que inclui o trabalho das igrejas) as situações limite foram sendo superadas e provocando maior envolvimento paterno com o cuidado, evidenciando que a ação sobre situações limite podem facilitar o desenvolvimento do potencial humano cuidador.

As situações limite, em geral, deflagram o despertar de potencialidades e de aprendizagens de cuidados que não estavam sendo praticadas ou não eram reconhecidos por alguns pais. Essas apreensões foram possibilitadas pelo entendimento da existência da potencialidade humana para o cuidado, independentemente de gênero, de idade, ou, mesmo, de situação social. Mas, em qualquer desses casos, precisa de condições para se manifestar (HEIDEGGER, 2004; BOFF, 1999).

Entre os pais, foi possível observar certa transição relacionada à concepção cultural de gênero, a qual indica mais envolvimento dos homens com a vida cotidiana de seus familiares e que o cuidado paterno afetivo vem se modificando, em um processo que facilita a vinculação amorosa com seus filhos e o seu envolvimento com os cuidados diários - apesar de ainda haver manifestões de preconceitos e de resistência a abandonar uma tradicional posição de gênero, na qual há uma situação hierárquica paterna superior no contexto da família.

Os pais cuidadores, que acolhem crianças e adolescentes em serviço de acolhimento familiar, comentaram que, durante a prática do cuidado, passaram por momentos de dificuldade, em razão do exercício de seu papel tradicional de provedores, que os mantinha diariamente afastados do ambiente doméstico por longos períodos.

Os pais que tiveram seus filhos acolhidos, também apresentaram marcos no avanço do entendimento de cuidado para além do provimento. Seus depoimentos revelam que, em sua história familiar, o afeto e sua manifestação não eram preocupação paterna –

um deles atribui a sua nova forma de ser pai à influência de sua companheira, que foi mediadora de seu processo de análise e de mudança de comportamento.

Para esses entrevistados – tanto para os pais acolhedores, quanto para os pais de origem - suas práticas de cuidados foram entendidas como fruto de seu desejo pessoal. Em alguns casos, essa prática foi estimulada tanto por suas companheiras, quanto por profissionais dos serviços de acolhimento e, também, por seus próprios questionamentos relacionados aos modelos paternos parentais, ou por suas relações religiosas, quando assumiam Deus como modelo de cuidados.

Os depoimentos evidenciam que esses pais cumpriam as diferentes funções formadoras na educação de seus filhos, como o acolhimento amoroso, o estabelecimento de limites, a disciplina e a educação relacionada a valores. Em sua maioria, estabeleciam contato corporal de afeto e carinho, disciplinavam com proibições e conversas – não tendo havido relatos de violência física. Rejeitavam repetir o modelo distante e autoritário de paternidade e as violências físicas que receberam de seus pais não repetindo com seus filhos os maus-tratos físicos vivenciados.

Desigualdades sociais e dificuldades financeiras constituíram circunstâncias em que o cuidado paterno foi dificultado ao máximo. Para um dos sujeitos da pesquisa, essas dificuldades chegaram ao extremo, determinando a necessidade da medida protetiva de acolhimento devido à ausência necessária do pai - que trabalhava para garantir o mínimo para as necessidades básicas da família – sendo a mãe paciente psiquiátrica, impossibilitada, por sua condição, de exercer o cuidado – fato este não relatado na pesquisa.

A conduta de outra mãe foi de abandono e distanciamento, o que ocasionou o acolhimento e a posterior nova integração ao pai.

Todos os pais entrevistados compreendem que as crianças e os adolescentes têm boa qualidade de vida e demonstraram orgulho por serem responsáveis por isso.

A pesquisa caracterizou-se por ser um estudo exploratório sobre cuidados, em situações vivenciadas nos serviços de acolhimento familiar, sem objetivo de avaliação da qualidade do cuidado paterno, mas de percepção das diferentes apreensões que os pais - de origem ou acolhedores – têm desse cuidado. A pesquisa, apesar de trabalhar com um pequeno número de entrevistados, evidenciou os benefícios e as dificuldades vividas

pelas figuras familiares paternas, passíveis de oferecerem as bases para um estudo de profundidade dessa questão.

Recomenda-se, portanto, que a discussão social acerca do cuidado paterno, bem como do cuidado enquanto categoria empírica, leve em conta as condições socioeconômicas e materiais dos cuidadores. Pais emãe sobrecarregados, vivendo com sérias restrições financeiras e dificuldades no acesso aos direitos básicos, como alimentação e moradia, podem ser levados a não ter condições para cuidar, nem de si mesmos, nem de suas famílias.

Para um aprofundamento da questão, evidenciou-se a necessidade de discussão da dupla jornada e do desgaste que ela proporciona, das condições de trabalho vivenciadas e de sua precarização. Evidenciou-se também a necessidade de poder contar com políticas sociais e educacionais adequadas à classe de renda analisada, as quais podem ou não garantir o suprimento das necessidades básicas, de forma a permitir a tranquilidade do familiar provedor em relação aos cuidados de seus filhos nos períodos de sua ausência.

As escolas e os serviços de saúde e de assistência social precisam organizar seus horários, de forma que viabilize a presença dos pais, permitindo que respeitem seus compromissos de trabalho e, por outro lado, que as empresas, por sua vez, respeitem suas ausências para atenderem às necessidades de seus filhos.

Concluimos este estudo com a apreensão de que podemos aproveitar os momentos de dificuldades para o despertar e para o desenvolvimento de nossas potencialidades cuidadoras e de todos os seres humanos.

## REFERÊNCIAS

- ABRIGO, coordenação Myrian Veras Baptista. **Comunidade de acolhida e socioeducação**. São Paulo: Instituto Camargo Correia, 2006.
- AIRES, Philippe. **História social da criança no Brasil**. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BAPTISTA, Myrian Veras. **A Investigação em Serviço Social**. São Paulo: Veras Editora; Lisboa (Portugal): CPIHTS – Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social, 2005.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano**. 17 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil (1988)**. Brasília: Senado Federal.
- CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. **Orientações técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes**. Brasília, 2009.
- ESTATUTO da Criança e do Adolescente - ECA, Lei Federal n.8.069, de 1990.
- FARIA, Durval Luiz de. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: FapespEduc, 2003.
- FONSECA, Claudia. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez, 2004.
- HELLER, Agnes. **A concepção de família no estado de bem estar social**. Tradução Maria Lúcia Martinelli Serviço Social e Sociedade n 24. São Paulo: Cortez, 1987.
- HURSTEL, Françoise. **As novas Fronteiras da Paternidade**. Campinas: Papirus, 1999.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org.) **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade**. Petropolis, Vozes, 1999.
- LYRA, J. **Família: redes, laços e políticas públicas**. In: ACOSTA, A.R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.) São Paulo: Cortez e Instituto de Estudos Especiais, PUC-SP, 2003.
- MARTINELLI, Maria Lucia. **Os métodos na pesquisa**. A pesquisa qualitativa. Recife: Temporalis, ano V, n. 9, 2005.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MEDINA, C. A. **Família, ontem, hoje, amanhã. Debates Sociais**. Rio de Janeiro, 1991.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Convenção sobre os direitos da criança**. Nova York: Autor, 1989.

**PLANO Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária- PNFC**. Brasília (DF): Autores, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA JÚNIOR, A. G.; ALVES, C. A.; MELLO ALVES, M. G. M. Entre tramas e redes: cuidado e integralidade. In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. **Construção social da demanda**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2005.

SILVA, José Maurício da. **O lugar do pai: uma construção imaginária**. São Paulo: Annablume, 2010.

VALENTE, Jane. **Acolhimento familiar da proteção alternativa à política pública: a experiência do Programa Sapeca**. Holambra, SP: Setembro, 2009.

ZOJA, Luigi. **O pai: história e psicologia de uma espécie em extinção**. São Paulo: AxisMundi, 2005.

## **Anexo A**

### **ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS**

Data: 17 e 18 de junho de 2011

Local: Campinas

Horário: 9h00 às 12h00

Tema: O Estudo do cuidado como referência na relação paterna. O significado atribuído ao cuidado a pais que tiveram seus filhos acolhidos e homens pais que participam de famílias acolhedoras.

1. Qual é o significado de cuidado?
2. O que você entende por cuidado paterno?
3. Na sua história familiar, que tipo de cuidado vivenciou e qual sentiu falta?
4. Conte algum momento em sua lembrança em que o cuidado do seu pai foi importante?
5. Com quantos anos tornou-se pai e quantos filhos tem?
6. Que tipo de cuidado assumiu frente aos filhos?
7. Conte algum momento que ficou em sua lembrança em que o cuidado com seu filho foi significativo.
8. Qual o cuidado da sua parte com a criança ou o adolescente que você acolhe ou já acolheu, que está sob o cuidado da sua família?
9. Existe alguma questão que não esteve presente durante a nossa entrevista e que o Sr. gostaria de comentar?